



RESTAURAÇÃO E REABILITAÇÃO DO EDIFÍCIO DO DPV: UM MUSEU PARA A CIDADE DE LIMOEIRO-PE

CHRISLLAYNE AMORIM

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
ARQUITETURA E URBANISMO

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CHRISLLAYNE CONCEIÇÃO DE AMORIM MOREIRA

REABILITAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO EDIFÍCIO DO DPV: A
CRIAÇÃO DE UM MUSEU PARA O MUNICÍPIO DE LIMOEIRO-PE.

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M838r Moreira, Chrisllayne Conceição de Amorim.
Reabilitação e restauração do edifício do DPV: criação de um
museu para o município de Limoeiro-PE / Chrisllayne Conceição de
Amorim Moreira. - Recife, 2019.
99 f. : il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Stela Barthel.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura. 2. Museu. 3. Restauração. I. Barthel, Stela. II.
Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-288)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Chrisllayne Conceição de Amorim Moreira

**REABILITAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO EDIFÍCIO DO DPV: CRIAÇÃO
DE UM MUSEU PARA O MUNICÍPIO DE LIMOEIRO-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Prof(a). Dr(a). Stela Barthel.

Recife
2019

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Chrisllayne Conceição de Amorim Moreira

**REABILITAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO EDIFÍCIO DO DPV: CRIAÇÃO
DE UM MUSEU PARA O MUNICÍPIO DE LIMOEIRO-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Prof(a). Dr(a). Stela Barthel.

Aprovado em ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Stela Gláucia Alves Barthel Prof^a. Dr^a., FADIC
Orientadora

Marcos Assis Pessoa de Lima Prof. Me., ESUDA
Examinador Externo

Maria Tatiana Cavalcanti Fonseca Prof^a. Me., FADIC
Examinadora Interna

Recife

2019

*Aos meus pais, José Hilton Moreira da Silva e
Cleide Jane Azevedo de Amorim Moreira, por
serem os principais responsáveis pela realização
dos meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço à Deus por ter me dado forças para não desistir e continuar correndo atrás dos meus objetivos. Também agradeço aos meus pais, José Hilton Moreira da Silva e Cleide Jane Azevedo de Amorim Moreira, por sempre estarem ao meu lado durante todo o decorrer do curso. Além disso, agradeço a minha avó materna Severina Azevedo de Amorim, por ter contribuído para que eu chegasse até o fim do curso de arquitetura.

Agradeço à minha orientadora Stela Barthel, que contribuiu imensuravelmente na construção deste Trabalho de Graduação, sempre me incentivando e apoiando minha pesquisa. Também à Professora Winnie Emily Fellows, que assim como minha orientadora, me ajudou bastante no decorrer da pesquisa.

E, por fim aos meus amigos, Ana Lethícia Marins, Rayanne Guedes e William Alexander, por sempre estarmos juntos diante das dificuldades do curso e principalmente pela amizade de cada um de vocês.

*“Acredito que as coisas podem ser feitas de outra
maneira e que vale a pena tentar.”
(Zaha Hadid)*

RESUMO

Este trabalho traz uma proposta de intervenção para um edifício histórico do Departamento de Veículos (DPV) da cidade de Limoeiro, em Pernambuco. Seu estado de conservação é precário e a proposta foi feita no sentido de reabilitar e restaurar o edifício para que nele seja implantado um museu com um anexo. Através de um questionário *online* aplicado aos moradores da cidade, foi possível se perceber que esse tipo de equipamento, que ainda não existe no local seria bem-vindo. Restaurar o edifício e dar a ele um novo uso serviria para chamar a atenção sobre outros edifícios históricos que correm o risco de desaparecer. E também poderia servir como um gatilho para futuras ações de preservação e de tombamento, pois o mesmo não tem proteção alguma.

Palavras-chave: Museu. Restauração. Reabilitação.

ABSTRACT

This paper presents an intervention proposal for a historic building of the Department of Vehicles (DPV) of the city of Limoeiro, Pernambuco. Its state of preservation is precarious and the proposal was made to rehabilitate and restore the building so that a museum with an annex can be installed there. Through an online questionnaire applied to the residents of the city, it was possible to realize that this type of equipment, which does not exist at the site, would be welcome. Restoring the building and giving it a new use would draw attention to other historic buildings that are in danger of disappearing. It could also serve as a trigger for future preservation and tipping actions, as it has no protection at all.

Keywords: Museum. Restoration. Rehabilitation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gabinete de Curiosidades	21
Figura 2: Planta baixa do subsolo.....	39
Figura 3: Planta baixa do térreo.....	40
Figura 4: Planta Baixa do primeiro pavimento.....	41
Figura 5: Planta baixa do subsolo.....	43
Figura 6: Planta baixa do pavimento térreo.....	44
Figura 7: Planta baixa do primeiro pavimento.....	45
Figura 8: Planta baixa do terceiro pavimento.....	45
Figura 9: Planta baixa do Forte das Cinco Pontas, durante domínio holandês.....	47
Figura 10: Planta baixa do Pavimento térreo do Forte das Cinco Pontas.....	49
Figura 11: Planta Baixa do pavimento superior do Forte das Cinco Pontas.....	49
Figura 12: Organograma do Museu Cerâmico de Triana	51
Figura 13: Organograma do Museu de Fotografia de Fortaleza.	52
Figura 14: Organograma do Museu do Forte das Cinco Pontas	53
Figura 15: Análise da trajetória solar no terreno do edifício do DPV.	82
Figura 16: Incidência dos ventos no terreno do edifício do DPV.....	83
Figura 17: Zoneamento do anteprojeto.....	87
Figura 18: Organograma do Museu da Cidade de Limoeiro.....	88

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Missa do Vaqueiro	16
Foto 2: Estação Ferroviária de Garanhuns.....	16
Foto 3: Museu Hermitage.....	22
Foto 4: Museu Britânico.....	22
Foto 5: Museu Nacional.....	23
Foto 6: Complexo Cultural São Miguel Arcanjo- RS.....	26
Foto 7: Complexo Cultural São Miguel Arcanjo - RS	26
Foto 8: Museu Histórico Nacional- RJ	26
Foto 9: Museu Histórico Nacional- RJ	26
Foto 10: Museu dos Brinquedos - MG.....	27
Foto 11: Museu dos Brinquedos- MG	27
Foto 12: Museu de Zoologia da USP.....	27
Foto 13: Museu de Zoologia da USP	27
Foto 14: MAC - Niteroi.	28
Foto 15: MAC - Niteroi.	28
Foto 16: Caverna de Altamira, Espanha.	28
Foto 17: Casa Triângulo- SP.....	29
Foto 18: Casa Triângulo- SP.....	29
Foto 19: National Gallery - Londres	29
Foto 20: National Gallery - Londres	29
Foto 21: Centro Pompidou Beaubourg - Paris.....	30
Foto 22: Centro Pompidou Beaubourg - Paris.....	30
Foto 23: Staats Galerie- Stuttgart.....	31
Foto 24: Staats Galerie- Stuttgart.....	31

Foto 25: Museu De Artes Decorativas _Frankfurt.....	31
Foto 26: Museu De Artes Decorativas-- Frankfurt.....	31
Foto 27: Museu Guggenheim- Bilbao.	32
Foto 28: Museu Guggenheim- Bilbao.	32
Foto 29: Museu de Arte Ocidental- Toquio	32
Foto 30: Museu de Arte Ocidental- Toquio	32
Foto 31: Museu de Arte Moderna- Fort Worth.....	33
Foto 32: Museu de Arte Moderna- Fort Worth.....	33
Foto 33: Centro de Artes Contemporâneas, Vassiviere.....	33
Foto 34: Centro Galego de Arte Contemporânea-Santiago de Compostela.....	34
Foto 35: Centro Galego de Arte Contemporânea- Santiago de Compostela.....	34
Foto 36: Museu do Eco- Cidade do México.....	35
Foto 37: Museu do Eco- Cidade do México.....	35
Foto 38: Fachada do Museu Cerâmico de Triana.....	38
Foto 39: Interior do Museu Cerâmico de Triana.	41
Foto 40: Museu de Fotografia de Fortaleza.....	46
Foto 41: Vista aérea do Forte das Cinco Pontas.	48
Foto 42: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.....	57
Foto 43: Prédio do Cinema São Luís.....	59
Foto 44: Edifício do Departamento de Veículos.....	59
Foto 45: Rádio Difusora, anos 50.....	60
Foto 46: Rádio Difusora.....	60
Foto 47: Cinema São Luís na década de 50.	60
Foto 48: Cinema São Luís.....	60
Foto 49: Casario do Sítio Ribeiro do Mel.	61
Foto 50: Casario do Sítio Ribeiro do Mel.	61
Foto 51: Igreja do casario do Sítio Ribeiro do Mel.....	61
Foto 52: Câmara de Vereadores de Limoeiro.	62
Foto 53: Praça da Bandeira.	62
Foto 54: Praça da Bandeira.	62
Foto 55: Pátio da Feira.	63
Foto 56: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.....	63
Foto 57: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.....	63
Foto 58: Igreja de Santo Antônio.....	64
Foto 59: Igreja de Santo Antônio.....	64
Foto 60: Igreja do Cristo Redentor.....	65
Foto 61: Igreja do Cristo Redentor.....	65
Foto 62: Escola Padre Nicolau Pimentel.....	65
Foto 63: Escola Padre Nicolau Pimentel.....	65
Foto 64: Prefeitura Municipal de Limoeiro.	66
Foto 65: Prefeitura Municipal de Limoeiro.	66
Foto 66: Açougue Municipal.....	66
Foto 67: Açougue Municipal.....	66
Foto 68: Mercado Público.	67
Foto 69: Mercado Público.	67

Foto 70: Casa do Coronel Francisco Heráclio.....	67
Foto 71: Casa do Coronel Francisco Heráclio.....	67
Foto 72: Usina de Algodão (IRODUSA).....	68
Foto 73: Pátio de Manobras e Armazéns.....	68
Foto 74: Edifício do DPV.....	68
Foto 75: Centro Limoeirense.....	69
Foto 76: Centro Limoeirense.....	69
Foto 77: Colombo Sport Club.....	69
Foto 78: Colombo Sport Club.....	69
Foto 79: Moinho de Limoeiro.....	70
Foto 80: Moinho de Limoeiro.....	70
Foto 81: Edifício da Loja Narciso.....	70
Foto 82: Edifício da Loja Narciso.....	70
Foto 83: Loja Maçônica Frei Caneca.....	71
Foto 84: Loja Maçônica Frei Caneca.....	71
Foto 85: Edifício dos Correios.....	71
Foto 86: Edifício dos Correios.....	71
Foto 87: Fachada da Casa Primor.....	72
Foto 88: Fachada da Casa Primor.....	72
Foto 89: Localização do edifício do DPV.....	76
Foto 90: Sujidades nos frisos.....	77
Foto 91: Frontão danificado.....	77
Foto 92: Esquadrias ausentes.....	77
Foto 93: Fachada do edifício do DPV.....	78
Foto 94: Presença de vegetação no interior do edifício do DPV.....	78
Foto 95: Interior do Edifício DPV.....	78
Foto 96: Perda do reboco da fachada.....	79
Foto 97: Interior do Edifício do DPV.....	79
Foto 98: Elementos espúrios.....	80
Foto 99: Presença de vegetação no edifício.....	80
Foto 100: Intervenção descaracterizadora.....	80
Foto 101: Intervenção descaracterizadora.....	80
Foto 102: Ataque de insetos xilófagos.....	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Planta de Locação do Museu Cerâmico de Triana.....	37
Mapa 2: Localização do Município de Limoeiro.....	56
Mapa 3: Demarcação da Zona Patrimonial do Centro.....	58
Mapa 4: Macrozoneamento municipal de Limoeiro.....	84
Mapa 5: Zoneamento do núcleo urbano de Limoeiro.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de entrevistados moradores de Limoeiro-PE.....	73
Gráfico 2: Motivos que fazem os visitantes frequentarem a cidade.....	73
Gráfico 3: Acervo Municipal.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Análise dos aspectos positivos e negativos dos Casos Exemplares.	50
Quadro 2: Setorização de ambientes do Caso Exemplar 01.	51
Quadro 3: Setorização de ambientes do Caso Exemplar 02.	52
Quadro 4: Setorização de ambientes do Caso Exemplar 03.	53
Quadro 5: Comparação das áreas e dos ambientes dos Casos Exemplares.	54
Quadro 6: Dimensões de vagas para estacionamento segundo a LUOS.	86
Quadro 7: Setorização dos ambientes do anteprojeto o museu da cidade de Limoeiro.	88
Quadro 8: Áreas do anteprojeto do Museu da Cidade de Limoeiro.	89

LISTA DE SIGLAS

ACM – *Aluminium Composite Material*

COSCISP - Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico.

DML - Depósito de Materiais de Limpeza.

DPV – Departamento de Veículos.

FUNDARPE - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco

GRE - Gerência Regional de Educação

IBEU – Instituto Brasil-Estados Unidos

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – *International Council of Museums*

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IRODUSA - Usina Beneficiadora De Algodão Otaviano Heráclio Duarte S. A.

LUOS – Lei de Uso e Ocupação do Solo.

MAC – Museu de Arte Contemporânea

MHN – Museu Histórico Nacional

NBR – Normas Brasileiras.

PPSHI – Plano de Preservação dos Sítios Históricos

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

ZPC – Zona Patrimonial do Centro

SUMÁRIO

RESUMO	06
1. INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 O patrimônio histórico.....	16
2.2 Conceitos de Reabilitação e Restauração	18
2.3. Surgimento dos museus e seus conceitos.....	19
2.4. Tipologias dos Museus	25
2.5. Programa de necessidades de um Museu.	35
3. CASOS EXEMPLARES	37
3.1. Museu Cerâmico Triana – Sevilha, Espanha.....	37
3.2. Museu de fotografia de Fortaleza – Ceará.....	42
3.3. Museu da Cidade, Forte das Cinco Pontas – Recife.....	46
3.4 Análise dos Casos Exemplares	50
4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	56
4.1 Histórico	56
4.2 Legislação direcionada ao patrimônio da cidade.....	57
4.3 Edifícios de importância histórica	58
5. PONTO DE VISTA DOS MORADORES E VISITANTES DE LIMOEIRO	73
6. PROPOSTA	76
6.1. Imóvel do Departamento de Veículos (DPV)	76
6.2. Situação atual.....	76
6.3. Intervenção.....	81
6.3.1. Condicionantes físicos e ambientais.....	81
6.3.2. Condicionantes legais.....	83
6.3.3. Organograma e pré-dimensionamento	87
6.3.4. Memorial justificativo	90
7. CONCLUSÕES	91
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A.....	98

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz a proposta de reabilitação de um edifício histórico, localizado na cidade de Limoeiro, no estado de Pernambuco, para a instalação de um museu. O edifício em questão, conhecido pela sigla DPV (que se refere ao Departamento de Veículos), encontra-se em mau estado de conservação, praticamente em ruínas. Parte-se da hipótese de que esta ação, além de dotar a cidade de um equipamento que não existe, pode contribuir para dar visibilidade aos outros edifícios importantes, para que estes sejam preservados como testemunhos de uma época passada, além de melhorar as condições no entorno do referido imóvel.

O objetivo geral é fazer a proposta para um museu na cidade. Os objetivos específicos são:

- Recuperar o edifício, mantendo-se as suas características estilísticas;
- Dotar o edifício de condições para que abrigue um museu;
- Propor a construção de um edifício em anexo, para suporte das atividades do museu.

O método de abordagem foi o hipotético-dedutivo e foi utilizado um questionário online para se detectar o que a população da cidade pensa sobre a proposta de um museu. Os procedimentos metodológicos se iniciaram com pesquisa bibliográfica, visita aos órgãos que pudessem ter informações sobre a cidade de Limoeiro e sobre o edifício em questão, seguidos de um levantamento fotográfico, tanto deste edifício quanto de outros com a mesma importância, para se fazer um inventário das obras históricas da cidade, que fariam parte da exposição permanente do museu e que atuariam no sentido da Educação Patrimonial, fazendo com que a população da cidade os respeitasse e valorizasse.

O trabalho se encontra estruturado em sete capítulos, sendo o primeiro a Introdução, o segundo o Referencial Teórico, onde são abordados os conceitos utilizados no trabalho e o surgimento dos museus e as tipologias encontradas. O terceiro capítulo trata dos Casos Exemplares que deram embasamento à proposta. O quarto capítulo faz a caracterização da área de estudo, a cidade de Limoeiro e traz um breve histórico do seu surgimento. O quinto capítulo analisa as respostas do questionário online aplicado aos moradores e visitantes da cidade. O sexto capítulo traz um breve histórico do edifício do DPV, a situação atual do mesmo e a proposta

de intervenção, seguida do sétimo capítulo com as Conclusões. Na sequência, as Referências, os Apêndices e os Anexos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O patrimônio histórico

O termo patrimônio tem origem na palavra em latim *patrimonium* que se refere aos bens herdados por alguma família de seus antecessores (LACERDA, 2012). Dessa forma, os bens possuem duas vertentes, a familiar e a cultural. Assim, o que interessa para essa pesquisa está vinculado ao bem cultural, que é o produto e testemunho de tradição artística e histórica ou manifestação da dinâmica cultural de um povo ou região.

Bens culturais são o conjunto de bens materiais e imateriais decorrentes da existência de um valor, elemento abstrato incorpóreo e representativo, evocativo, identificativo e portador de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, sendo, portanto, objeto de proteção e valorização a serem valorizados e protegidos (FUNDARPE, 2011).

Sendo assim, os bens patrimoniais culturais são dotados de valores, memória e identidade de um determinado grupo social. Assim, os registros de uma memória são de suma importância para a preservação do patrimônio, pois a mesma se resume na relação em que o ser humano retém em suas lembranças com o seu redor. Já a identidade é a característica de um ser que se percebe como tal ao longo do tempo. Dessa forma, cada cidade, região ou município possui sua própria identidade, isto é, suas próprias características dentro da cultura nas quais eles estão inseridos. No entanto, os bens culturais se dividem em duas categorias: bens patrimoniais imateriais (Foto 1) e materiais (Foto 2).

Foto 1: Missa do Vaqueiro



Fonte: FUNDARPE, 2012.

Foto 2: Estação Ferroviária de Garanhuns



Fonte: FUNDARPE, 2012.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), consideram bens imateriais, as práticas, as representações, as expressões, os conhecimentos e as técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais a eles associados. Citam-se como

exemplos, o caboclinho, as feiras, a quadrilha junina, o frevo, as rezadeiras, as parteiras e mercados.

Os bens materiais, de acordo com o IPHAN e a UNESCO, são bens de natureza concreta, monumentos, núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos, coleções arqueológicas, acervos musicológicos, documentais, bibliográficos e arquivísticos. Dividem-se ainda em móveis, quando podem ser deslocados do local original, ou imóveis, quando são fixos. Como exemplos de bens materiais imóveis temos as igrejas, o casario, a casa-grande de um engenho de açúcar, uma paisagem, como bens móveis integrados, são exemplo um altar-mor, um painel de azulejos, etc. ocupando também um lugar de destaque nesse universo (FUNDARPE, 2011, p. 09).

Para fins dessa pesquisa, serão considerados apenas os bens culturais materiais onde se enquadram as obras arquitetônicas, como um tipo de registro de uma época e que servem de instrumento para historiadores passarem para as gerações futuras a imagem do que ocorreu no passado, cumprindo o papel de patrimônio (PASQUOTTO, 2010). Segundo Carsalade (apud ZANCHETTI, 2015), é impossível passar os fatos históricos do mesmo modo como aconteceram no passado para as gerações futuras, visto que a edificação não se encontra mais autêntica como quando foi construída. Além disso, o contexto cultural de uma sociedade é passível de mudanças ao longo do tempo (ZANCHETTI, 2015). Dessa forma, uma obra deve ser preservada resguardando-se a sua integridade física, ao mesmo tempo acompanhando as mudanças socioculturais.

Além disso, um bem patrimonial é dotado de valores, que são atribuídos aos objetos ou coisas valiosas. Assim, um edifício histórico é considerado um bem patrimonial por ser portador de uma cultura ou retrato de um período da história em que foi edificado. Dessa forma, são atribuídos a esses bens diversos tipos de valores: O valor de antiguidade, que se caracteriza pela edificação não apresentar características arquitetônicas da modernidade; O valor artístico, que se refere à determinada apreciação estética; O valor histórico, quando o imóvel revela o modo de vida de determinada época; O valor simbólico, que dependerá do contexto cultural que uma sociedade vive, acarretando em diversos pontos de visão sobre um mesmo objeto; O valor econômico, que reside na utilização desse imóvel; O valor de opção, que consiste na atribuição de um valor futuro para o imóvel; e por fim, o valor de existência, que é dado simplesmente pelo valor da edificação existir (ZANCHETTI; LACERDA, 2012).

Diante desses valores, o patrimônio passa a ter um significado para uma determinada população, pois ele guarda a memória coletiva da sociedade em que está

inserido. Sendo assim, para que a memória da sociedade não se perca no tempo, surge a necessidade da proteção e preservação dos bens patrimoniais.

Para esse efetivo enquadramento da memória, Pollak destaca também que os objetos materiais, tais como monumentos, museus e bibliotecas, são espaços privilegiados, porque solidificam as memórias. São como pontos de referência que dão indícios de uma época passada. Assim, o papel do patrimônio histórico seria de fundamental importância na função de resguardar uma memória predominante (ROLIM, 2013, p. 05).

A preservação dos bens patrimoniais passa a ser discutida com mais ênfase no período das grandes guerras mundiais do século XX, devido à destruição dos edifícios de importância cultural e histórica pelos bombardeios. Desse modo, um equipamento que contemple a memória e identidade cultural de uma cidade é de extrema importância para a conservação da memória local. Assim, os museus e bibliotecas são de suma importância para a História, por serem marcos testemunhais de uma outra época (ROLIM, 2013).

Corroborando essa ideia, Rolnik (1995), compreende que as construções arquitetônicas de um determinado período guardam muito das experiências e histórias vivenciadas pelas sociedades que as construíram e, por isso mesmo, a preservação da memória coletiva dessas sociedades através da existência desse patrimônio, é uma riqueza que pode ser descoberta por meio da memória, das imagens e da oralidade das personagens que conheceram essas construções no tempo em que elas pulsavam através da dinâmica de seus antigos habitantes. Ainda para Rolnik, “A arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social [...]” (ROLIM, 2013, p.08).

Diante disso, para proteger um bem patrimonial da destruição não basta apenas submeter o mesmo às leis de tombamento, mas também instituir a Educação Patrimonial, para que as gerações futuras conheçam a importância que ele possui por guardar o passado. Assim, o patrimônio exerce também função social, que é a construção de saberes históricos e formação de uma identidade cultural (ROLIM, 2013).

2.2 Conceitos de Reabilitação e Restauração

Segundo o Programa Monumenta, (IPHAN, 2005), a reabilitação consiste em dar à edificação um novo uso, diferente do qual ela foi projetada. Além disso, segundo Oliveira (2016 apud ASSUMPÇÃO, 2018), a reabilitação possui duas vertentes: a reestruturação urbana, onde o edifício está inserido ou uma intervenção nele. Dessa maneira, será cabível a definição do Programa Monumenta para a proposta de intervenção que essa pesquisa aborda.

A restauração ou reconstrução é a recuperação de uma edificação histórica em risco de destruição. Ela deve ser baseada em evidências históricas e documentos indiscutíveis, isto é, provas de que a forma de uma determinada edificação corresponda à composição volumétrica que a mesma possuía no passado (MONUMENTA, 2005).

A restauração é entendida sob pontos de vistas divergentes, tomando-se como referência a ideia de que as edificações históricas são sagradas e dotadas de valores intangíveis, isto é, valores simbólicos, sendo estes um valor agregado por um conjunto de pessoas ou uma só pessoa, que deriva dos sentimentos crenças ou ideologias. Assim, Viollet Le Duc¹ ignorava a manutenção de momentos do passado, pois para ele, a restauração era a adição de elementos que jamais existiram em determinada época da construção, em suma, restaurar seria mais uma obra de recriação ou invenção do que repará-la. Porém, definia que em uma intervenção, o monumento deveria ser reconstruído tal e qual era seu estilo arquitetônico (ZANCHETTI, 2012).

Para John Ruskin, teórico inglês do século XIX, a restauração era a destruição do edifício, sendo melhor manter uma ruína do que restaurá-la. Por outro lado, o teórico italiano Camillo Boito aceitava acréscimos na edificação, porém estes não deveriam destoar do conjunto e serem evidentes (ZANCHETTI, 2012).

Já para Césare Brandi, teórico italiano do século XX e criador do Instituto do Restauro, em Roma, a obra de arte deveria condicionar a restauração. Assim, não deve ser cometido falso artístico e falso histórico, ou seja, cancelar traços de sua passagem do tempo, evitando-se a restauração fantasiosa (ZANCHETTI, 2012).

Desse modo, para fins dessa pesquisa, será tomado o ponto de vista de Camilo Boito, que aceitava intervenções de conservação desde que estas estivessem destacadas, sendo facilmente percebidas. Também adota-se parcialmente o conceito de Viollet Le Duc, no que diz respeito à pureza de estilo.

2.3. Surgimento dos museus e seus conceitos.

Segundo o Ministério da Cultura, no Manual de Subsídio para a Criação de Museus (2009), este equipamento é uma prática social que deve estar a serviço da

¹ Viollet Le Duc foi um teórico e arquiteto francês do século XIX.

sociedade e de seu desenvolvimento. Dessa forma, torna-se uma ferramenta que deve ser utilizada para o exercício do direito à memória, ao patrimônio e à cultura, para o desenvolvimento da identidade e valorização da diversidade cultural, tendo como funções básicas a preservação, investigação e comunicação, através da educação e lazer.

A palavra museu deriva do grego *mouseion*; que originalmente era o templo dedicado às nove musas, filhas de Zeus e Mnemosine. Porém, esses templos não eram destinados a abrigar coleções artísticas ou culturais, mas eram lugares dedicados aos estudos científicos, literários e artísticos (JULIÃO, 2000).

Segundo Kiefer (2000), os museus são tão antigos quanto a história do próprio homem. Essa situação é evidenciada a partir de registros de artefatos pré-históricos, como por exemplo, conchas, pedras, ossos entre outros, encontrados em cavernas (ALVES, 2006).

Posteriormente, o primeiro prédio a receber o nome de museu foi a Biblioteca de Alexandria, que foi destruída em 640 d.C. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2019). Já no século XV o colecionismo torna-se moda em toda Europa, assim como a cultura da curiosidade que ganha destaque no período Renascentista, que coincide com o tempo das grandes navegações e descobrimentos. Dessa forma, surgem os “Gabinetes de curiosidades”, ou “gabinetes das maravilhas” (Figura 1), onde os símbolos do poder aquisitivo da sociedade eram exaltados para o público. Assim, os “Gabinetes” eram instituições que abrigavam diversos acervos, que se dividiam em diversas categorias: as “obras de Deus”, que eram os homens, animais e plantas; os “produtos da natureza”, que eram as pedras e objetos de fabricação humana. Além disso, esses espaços apresentavam artigos provenientes da América e Ásia, que trouxeram um novo mundo aos europeus. Porém, o acesso a essas peças só era permitido a um público nobre e seletivo (RAFFAINI, 1993; JULIÃO, 2000).

Figura 1: Gabinete de Curiosidades



Fonte: Art|Ref, 2018.

Também é importante ressaltar que o primeiro museu privado da Europa surgiu com o palácio dos Médici, uma família nobre de Florença. Esse museu era um lugar destinado às artes, cujo objetivo não era decorativo, mas sim expositivo. Porém, no período do fim do século XVI, François I resolveu abrigar no último andar do seu edifício sua coleção de obras de arte, formando grandes corredores, com o tempo esse espaço começou a ser chamado de “*Gallerie des Uffizzi*” (KIEFER, 2000).

Esses gabinetes perderam popularidade com o nascimento do saber científico, que submeteu a história natural às perguntas científicas. Sendo assim, os gabinetes foram doados às universidades, tornando-se propriedade de instituições científicas (RAFFAINI, 1993).

No final do século XVIII, o acesso do público às coleções presentes nos gabinetes foi permitido, nascendo assim os grandes museus. Mas, foi a partir da Revolução Francesa (1789) que o conceito de museu obteve reconhecimento, pois os bens do clero, da coroa e dos nobres foram repassados para a nação. Estes bens foram transferidos para locais abertos ao público, com a intenção de difundir conhecimento cultural e histórico à nação francesa, fato que ocasionou a criação de museus em diversas partes do território francês (JULIÃO, 2000).

Já no século XIX a ideia de museu semelhante à que se tem nos dias atuais se consolida com a criação de importantes instituições na Europa, como por exemplo, o Museu Real dos Países Baixos, em Amsterdã; o Museu do Prado em Madri; o Altes Museum, na Alemanha; o Museu Hermitage na Rússia (Foto 3); o Museu Britânico (Foto 4) e o Museu Belvedere na Áustria. Todos esses museus tinham como objetivo

informar a sociedade sobre o passado através do acervo e possuíam estilo Neoclássico (JULIÃO, 2000).

Foto 3: Museu Hermitage.



Fonte: Vou Na Janela, 2018.

Foto 4: Museu Britânico.



Fonte: Eurodicas, 2019.

O século XIX foi marcado por dois grandes modelos de museus difundidos pelo mundo, que foram aqueles ligados à cultura nacional e história e os museus etnográficos. No Brasil, o primeiro museu surge no século XIX, na época do reinado de Dom João VI e com a mesma ideia dos museus europeus. O Museu Real, hoje Museu Nacional (Foto 5), abarcava uma coleção de história pertencente ao rei. Posteriormente à criação do Museu Nacional, foram criados dois museus etnográficos que fazem pesquisas relacionadas às Ciências Naturais, como por exemplo a etnografia, a paleontologia e a arqueologia: o Museu Paraense Emílio Göeldi em 1866 e o Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, em 1894. Já no início do século XX os museus enciclopédicos ganharam espaço no Brasil, com assuntos relacionados às diversas áreas do saber e sobre a história do país. Porém a história da nacionalidade brasileira ganha espaço nos museus a partir de 1922, com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), o qual tinha por objetivo a produção de conhecimento, a partir da história da pátria, porém, esse acervo ainda se encontrava destinado a um público de elite (JULIÃO, 2000).

Foto 5: Museu Nacional.



Fonte: wikipédia, 2019.

Por fim, o Museu Histórico Nacional tornou-se modelo para a implantação de outros museus no país, fato que conseqüentemente fez surgir o Curso de Museologia, que funcionava no próprio MHN de 1932 a 1979. Além disso, após a década de 30, o SPHAN² entra em ação na criação de novos museus no país, embora sua atuação nas questões museológicas seja bastante tímida em relação ao patrimônio cultural (JULIÃO, 2000).

Os grupos modernistas, durante a época dos regimes governamentais autoritários assumiram uma grande hegemonia no SPHAN, com ideias relacionadas ao resgate dos testemunhos do passado através de uma releitura, que consistia na preservação do passado como ferramenta para a construção de uma nacionalidade. Dessa forma, Mário de Andrade propõe a criação de quatro museus: a) um arqueológico e etnográfico; b) um histórico; c) um de Belas Artes e d) um de Artes Aplicadas e de Tecnologia Industrial, que tinham como objetivo preservar a cultura do povo e exercer uma função educativa. Diante disso, em 1937 foi criado o Museu de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1938, o Museu da Inconfidência em Minas Gerais e em 1940 o Museu das Missões no Rio Grande do Sul, que foi projeto do arquiteto Lúcio Costa (JULIÃO, 2000).

² SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937. Hoje essa mesma instituição teve seu nome alterado para IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Em 1946 foi criado o Conselho Internacional de Museus (ICOM), órgão representante dos museus e seus profissionais em escala mundial. Essa entidade estabelece normas e diretrizes para o funcionamento geral dos museus. A definição de museu se baseia em uma instituição sem fins lucrativos a serviço da sociedade e do desenvolvimento da mesma, acessível ao público e possui o objetivo de exibir o patrimônio material e imaterial de uma sociedade, com o intuito educativo e de lazer (Conselho Internacional de Museus-ICOM, 2007).

Os Movimentos de Vanguarda, no início do século XX, como o Futurismo Italiano, consideravam os antigos museus como necrópoles da arte, devendo ser banidos para sempre. No período do final da Segunda Guerra Mundial, a museologia possui um novo objetivo, onde os museus começam a ter um caráter dinâmico e de lazer. Eles eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar, independentemente da função principal, que era expor o acervo. Foram incorporados serviços ao programa dessas instituições como restaurantes, lojas, parques e jardins. As novas propostas para os museus consistiam em espaços amplos, contínuos, iluminados, com a estrutura aparente. Nessa época se destacam os museus Modernistas. A simplificação dos espaços internos e integração das circulações com as áreas de exposição mostravam fluidez e transparência (KIEFER, 2000). Mas foi somente na década de 60 que a cultura popular ganhou espaço nos museus, devido a uma grande crítica que surge nessa época em relação aos movimentos políticos e redemocratização. Assim, criou-se no Brasil em 1968 o Museu do Folclore no Rio de Janeiro (JULIÃO, 2000).

Os museus iniciam um processo de reformulação de suas estruturas, procurando compatibilizar suas atividades com as demandas da sociedade. Deixam de ser espaços consagrados exclusivamente à cultura de elites, aos fatos e personagens excepcionais da história passam a incorporar questões da vida cotidiana das comunidades, a exemplo das lutas pela preservação do meio ambiente e da memória de grupos sociais específicos (JULIÃO, 2000.p. 27).

Nos anos 70 as discussões sobre a função social dos museus se intensificam, isto é, sobre o papel deles na sociedade contemporânea. Assim foram abordadas inovações na função do museu, que eram diferentes da função tradicional, onde o acervo já possui um valor em si. Dessa maneira, os novos museus tinham como premissa a crítica e a transformação da sociedade (JULIÃO, 2000).

Novas práticas e teorias sinalizam a função social do museu, se contrapondo à museologia tradicional que elege o acervo como um valor em si mesmo e administra o patrimônio na perspectiva de uma conservação que se processa independente de seu uso social. Tratava-se de redefinir o papel do museu,

tendo como objetivo maior o público usuário, imprimindo-lhe uma função crítica e transformadora da sociedade (JULIÃO, 2000, p. 27).

Diante dessa situação, os museus deveriam se tornar espaços não só de contemplação, mas de reflexão e debates relacionados aos interesses da sociedade. Portanto a partir desse contexto surgem os ecomuseus. Esses museus visam a relação do homem com o seu meio, com a história e natureza que o cerca, sendo um importante meio de auto reconhecimento. O acervo dessa instituição é composto pelo patrimônio vivo, abarcando bens materiais e imateriais, móveis ou imóveis e principalmente tem a população com participação de maneira decisiva na gestão (JULIÃO, 2000).

Com a ampliação da noção de patrimônio, que estava sendo discutida em todo o mundo, seguida do processo de globalização, isto acarretou no grande crescimento do número de museus no Brasil. Esses novos museus começam a atender à demanda da sociedade e de grupos sociais, que sempre reivindicaram o direito à memória, como por exemplo, os indígenas, os negros, os imigrantes etc. (JULIÃO, 2000).

Já nos anos 90, os museus começam a se adequar às demandas do mercado. Estes entram nesse cenário como patrocinadores da cultura, através do *marketing* e do consumo cultural, como por exemplo, as grandes exposições ou megaeventos, que acontecem em diversos museus e atraem grandes públicos nas mídias sociais. Porém, essa situação faz com que as coleções e o acervo fiquem inacessíveis a grande parte do público, deixando assim de lado a função social, crítica e educativa, tão discutida nas décadas anteriores (JULIÃO, 2000).

No século XXI os museus seguem os mesmos modelos daqueles projetados no Movimento Moderno. Dessa forma, eles recuperam valores tipológicos de museus históricos e ao mesmo tempo, transformam sua concepção convencional.

2.4. Tipologias dos Museus

Diante de uma pequena análise feita acerca da história dos museus, é possível constatar que o mesmo sofre alterações tanto na tipologia, como no objetivo para com o público, conforme o tempo, os fatos históricos, sociais e políticos.

Os museus se classificam em sete tipos, segundo Alves (2006): 1. Complexo cultural e cívico, 2. Museu Nacional, 3. Museu temático ou Monográfico, 4. Museu da

ciência, 5. Museu de arte Moderna ou Contemporânea, 6. Museu arqueológico ou Histórico e 7. Galerias ou Centro de Artes Contemporânea.

1. O **Complexo cultural** e cívico é um espaço que possui uma diversidade de atividades. Podem incluir bibliotecas ou centro de pesquisas. A estrutura é voltada para grandes públicos e geralmente possui volume unitário. Assim, tem-se como exemplo o Complexo Cultural São Miguel Arcanjo no Rio Grande do Sul, na região das Missões (Fotos 6 e 7).

Foto 6: Complexo Cultural São Miguel Arcanjo- RS



Fonte: Arcoweb, 2019.

Foto 7: Complexo Cultural São Miguel Arcanjo - RS



Fonte: Arcoweb, 2019.

2. O **Museu Nacional** abriga as diversas coleções de arte que pertencem ao país. Essas obras são de extremo significado para a identidade da nação, além de possuírem valores ideológicos e políticos. Essa instituição possui caráter arquitetônico monumental e cenográfico. Como exemplo, se destaca o Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (Fotos 8 e 9).

Foto 8: Museu Histórico Nacional- RJ



Fonte: IBRAM, 2019.

Foto 9: Museu Histórico Nacional- RJ



Fonte: IBRAM, 2019.

3. O **Museu Temático ou Monográfico** tem como foco principal o discurso interno e as soluções que são o objetivo do mesmo. O modo de exposição desse acervo é fundamental para o projeto e geralmente se encontra em funcionamento em prédios já existentes, nos quais a função anterior não era de exposição. Dessa

maneira, tem-se como exemplo para essa situação o Museu dos Brinquedos de Minas Gerais, em Belo Horizonte (Fotos 10 e 11).

Foto 10: Museu dos Brinquedos - MG



Fonte: Museu dos Brinquedos, 2019.

Foto 11: Museu dos Brinquedos- MG



Fonte: Museu dos Brinquedos, 2019.

4. O **Museu da Ciência** é um museu interativo, didático e formador de cultura científica, pode abrigar objetos de várias dimensões, pois a estrutura já é planejada para tais demandas. Como exemplo, pode-se citar o Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (Fotos 12 e 13).

Foto 12: Museu de Zoologia da USP



Fonte: Super Abril, 2019.

Foto 13: Museu de Zoologia da USP



Fonte: Super Abril, 2019.

5. O **Museu de arte Moderna ou Contemporânea** possui arquitetura extremamente variada e foi criado a partir do surgimento da Arte Moderna. Como já dito anteriormente, esses museus eram espaços amplos e iluminados, possuindo uma grande integração com a exposição e os percursos. Assim, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, projeto de Oscar Niemeyer, é um exemplo dessa tipologia (Fotos 14 e 15).

Foto 14: MAC - Niteroi.

Fonte: Archdaily, 2012.

Foto 15: MAC - Niteroi.

Fonte: Archdaily, 2012.

6. O **Museu Arqueológico ou Histórico** também conhecido como ecomuseu, é composto por ambientes naturais ou sítios arqueológicos. Como exemplo dessa situação, tem-se o Museu de Altamira na Espanha (Foto 16).

Foto 16: Caverna de Altamira, Espanha.

Fonte: História das Artes, 2015.

7. As **Galerias e Centro de Artes Contemporâneas** podem ser promovidas por entes privados ou públicos e inicialmente, não possuem acervo próprio, mas com o tempo passam a adquirir coleções e acervo se tornando museus. O espaço consiste basicamente em uma sala de exposições, que abriga expressões artísticas do momento. Como exemplo, a Casa Triângulo, em São Paulo (Fotos 17 e 18).

Foto 17: Casa Triângulo- SP



Fonte: Casa Triângulo, 2019.

Foto 18: Casa Triângulo- SP



Fonte: Casa triângulo, 2019.

Existem quatro fatores importantes na diversidade de museus: os tipos de objetos colecionados, a localização, as tradições históricas locais e as relações entre as tradições da arquitetura de museus (GUIRARDO, 2009) São quatro tipologias diferentes de museus: 1- O museu como relicário; 2- O museu como depósito; 3- O museu como *shopping center* cultural; 4- O museu como espetáculo.

- O **Museu como relicário** se caracteriza por expor coleções de arte e pela busca de uma arquitetura que se identificasse com o acervo. Dessa maneira, os arquitetos adotavam diversas estratégias para chegar ao mesmo fim. Assim, o objetivo principal era dar uma expressão à arquitetura, para que a mesma transmitisse um significado. Porém, este mesmo significado era direcionado a um público culto. Também é necessário salientar que a ligação entre comércio e a arte não eram evidentes nesse tipo de museu. Assim o exemplo dessa situação é a *Nacional Gallery Sainsbury Wing*, em Londres, concebida pelo casal de arquitetos Robert Venturi e Denise Scott Brow (Fotos 19 e 20).

Foto 19: National Gallery - Londres



Fonte: Archdaily, 2018.

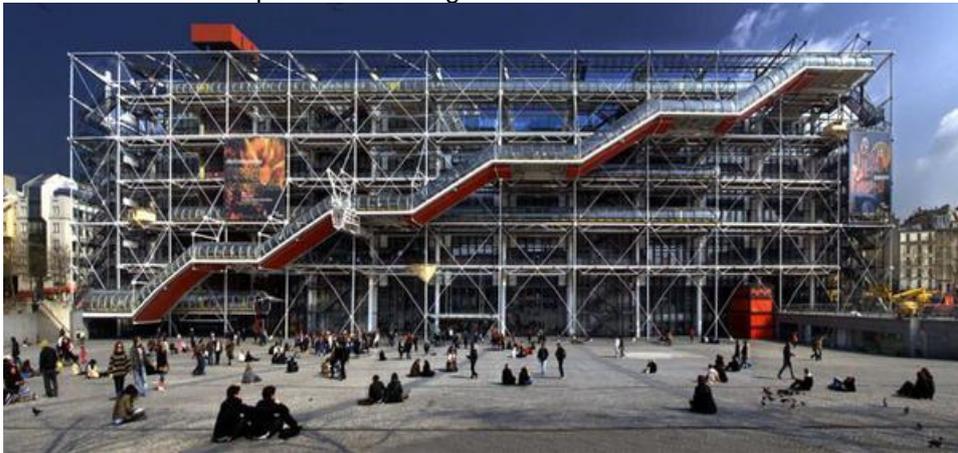
Foto 20: National Gallery - Londres



Fonte: Archdaily, 2018.

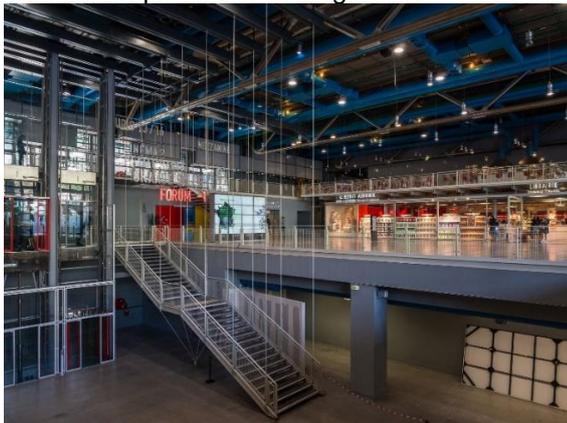
- O **Museu como depósito** possui grande sofisticação tecnológica e um espaço flexível, como recipiente totalmente neutro da cultura em diversos âmbitos. Diante disso, buscava-se o máximo possível para que fosse exaltada a tecnologia usada no edifício através da arquitetura. Um exemplo para essa tipologia é o Centro Pompidou Beaubourg, em Paris, dos arquitetos Richard Rogers e Renzo Piano (Fotos 21 e 22).

Foto 21: Centro Pompidou Beaubourg - Paris.



Fonte: O Globo, 2017.

Foto 22: Centro Pompidou Beaubourg - Paris.



Fonte: O Globo, 2017.

- O **Museu como shopping center cultural** inclui cinemas, concertos, exposições de arte, auditórios, teatros, restaurantes e lojas. O objetivo principal é gerar renda através do incentivo ao consumo, criando estratégias de vínculos entre o objeto exposto e o que está sendo vendido. Porém, esse tipo de museu finge oferecer acesso democrático a um santuário elitista. A Staats Gallerie em Stuttgart, dos arquitetos ingleses James Stirling e Michael Welford, se encaixa como exemplo dessa tipologia (Fotos 23 e 24).

Foto 23: Staats Galerie- Stuttgart.

Fonte: Stuttgarter Zeitung.De, 2019.

Foto 24: Staats Galerie- Stuttgart.

Fonte: Stuttgarter Zeitung.De, 2019.

- **O Museu como espetáculo** espera que o visitante desfrute da experiência estética que a arquitetura transmite. Dessa forma, esse museu é organizado para conseguir a mesma referência e apreciação da arte encontrada no museu do tipo relicário e possui objetivo de cultivar o inculto. Como exemplo, o Museu de Artes Decorativas em Frankfurt de Richard Meier (foto 25 e 26).

Foto 25: Museu De Artes Decorativas _Frankfurt

Fonte: Wikipédia, 2019.

Foto 26: Museu De Artes Decorativas-- Frankfurt

Fonte: Wikipédia, 2019.

Montaner, (apud Motta 2008), classifica os museus do século XXI em sete tipologias: 1- O museu como organismo extraordinário; 2- A evolução da caixa; 3- O objeto minimalista; 4- O museu-museu; 5- O museu que se volta para si mesmo; 6- O museu colagem; 7- o Antimuseu.

- **O museu como organismo extraordinário** se sobressai às expectativas do local onde está inserido e é por si só uma obra de arte, ocorrendo geralmente em grandes metrópoles. Como exemplo, destaca-se o Museu Guggenheim em Bilbao na Espanha, do arquiteto canadense radicado em Los Angeles, Frank Gehry (Fotos 27 e 28).

Foto 27: Museu Guggenheim- Bilbao.

Fonte: Achdaily, 2016.

Foto 28: Museu Guggenheim- Bilbao.

Fonte: Achdaily, 2016.

- A **evolução da caixa** é a evolução do museu quanto ao seu papel de receptáculo indiferenciado do colecionismo e passa a ser um espaço flexível e com avanços tecnológicos no interior, como por exemplo a climatização, energia e circulação. Os principais arquitetos que se destacam nesse tipo de construção de museus foram os modernistas Le Corbusier e Mies Van der Rohe, com projetos de museus retilíneos com plantas livres. Como exemplo, o Museu de Arte Ocidental em Tóquio no Japão, do arquiteto franco-suíço Le Corbusier (Fotos 29 e 30).

Foto 29: Museu de Arte Ocidental- Toquio

Fonte: Wikipédia, 2019.

Foto 30: Museu de Arte Ocidental- Toquio

Fonte: Wikipédia, 2019.

- O **objeto minimalista** é o museu que busca a ideia mais essencial do próprio museu. Assim, é criada uma correlação entre a paisagem, forma e obras recorrendo à estética do minimalismo. Um exemplo dessa tipologia é o Museu de Arte Moderna em Fort Worth, nos Estados Unidos, do arquiteto japonês Tadao Ando (Fotos 31 e 32).

Foto 31: Museu de Arte Moderna- Fort Worth.



Fonte: Archidaily, 2012.

Foto 32: Museu de Arte Moderna- Fort Worth.



Fonte: Archidaily, 2012.

- O **museu-museu** é aquele que é projetado a partir de um tipo, isto é, utilizando referências tipológicas que dependem do contexto dos elementos arquitetônicos de determinado museu, ou mesmo inspirado pelo caráter das coleções que abriga. Diante disso, cada museu surge como uma interpretação daqueles que vieram antes deles. Como exemplo, o Centro de Artes Contemporâneas em Vassiviere na França (Foto 33).

Foto 33: Centro de Artes Contemporâneas, Vassiviere.



Fonte: France Voyage, 2019.

- O **museu que se volta para si mesmo**, se encaixa entre o museu-museu e o museu como um objeto extraordinário. É o equilíbrio entre o museu de planta livre e o museu do século XIX, cuja museologia amontoava os objetos, sem caracterizá-los nem lhes garantir espaços específicos. Um exemplo para essa tipologia é o Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela, do arquiteto português Álvaro Siza (Fotos 34 e 35).

Foto 34: Centro Galego de Arte Contemporânea-Santiago de Compostela.



Fonte: Cultura Mix, 2012.

Foto 35: Centro Galego de Arte Contemporânea-Santiago de Compostela.



Fonte: Cultura Mix, 2012.

- O **Museu colagem** é o resultado da atual cultura de massa, ele se resolve a partir das colagens de vários fragmentos e subdivide-se em diferentes corpos de acordo com as exigências, relacionando as obras de arte, espaços de exposição e expressividade de contentores. A Staats Gallerie em Stuttgart, citada anteriormente, também serve como exemplo para essa tipologia. (Ver Fotos 25 e 26 acima).

- O **antimuseu**: nega qualquer tipo de identificação com um museu formal, tanto que não se localiza em lugares privilegiados, sendo instalado nas periferias. O acervo desse museu se caracteriza por obras de artistas desconhecidos e mescla diferentes tipos de exposições. Se instala em sua maior parte, em galpões abandonados, escolas e hospitais degradados, entre outros. O objetivo principal é promover a valorização dos artistas e da região onde o museu se insere (MONTANER, apud MOTTA, 2008). Como exemplo, tem-se o Museu do Eco na cidade do México (Fotos 36 e 37).

Foto 36: Museu do Eco- Cidade do México.



Fonte: “My Art Guides”, 2018.

Foto 37: Museu do Eco- Cidade do México.



Fonte: “My Art Guides”, 2018.

- Por fim, as **formas de desmaterialização**, que se referem aos museus que buscam encaixar-se através de formas ou materiais que se apropriam. Como exemplo, o Museu das Cavernas de Altamira, na Espanha, citado anteriormente (Ver Foto 16).

2.5. Programa de necessidades de um Museu.

A arquitetura de museus, ou arquitetura museal, se encarrega da arte de criar espaços que atendam às funções básicas destes equipamentos, desde abrigar as exposições, como contribuir para a conservação do acervo, pesquisa e outros serviços da instituição (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2014).

Diante disso, a exposição e o tipo de acervo influenciam decisivamente no espaço arquitetônico de um museu, pois segundo o ICOM, a exposição é a função principal desse tipo de instituição.

De acordo com o Manual de Subsídios para a Criação de um Museu, publicado em 2009 pelo Ministério da Cultura, para o bom funcionamento de um museu são necessários os seguintes critérios:

1. As coleções devem estar adequadamente acomodadas e conservadas, as instalações devem estar bem cuidadas, junto com os espaços, levando-se

em conta as variações de tamanho, tipologia e natureza administrativa de cada museu.

2. Ter cuidados apropriados para a preservação e a conservação do acervo, utilizando-se de conhecimentos técnicos e científicos. A arquitetura tem papel importante nesse âmbito, no que diz respeito ao dimensionamento da acomodação do acervo, assim como também nas instalações elétricas, hidráulicas, climatização, iluminação, acústica, materiais de revestimento, segurança e umidade.
3. O programa de necessidades básico para o funcionamento de museus consiste em:
 - Espaço de recepção (bilheteria, *lobby*, lojas e guarda-volumes).
 - Sala de exposição permanente ou de longa duração.
 - Sala de exposição temporária ou de curta duração.
 - Reserva técnica.
 - Sala de administração (direção e secretaria).
 - Espaço para ações educativas e culturais.
 - Sala para procedimentos técnicos com o acervo.
 - Espaços de apoio, guarda de materiais e segurança.
 - Espaços de serviços (almoxarifado, depósito, copa, banheiro e vestiários).
 - Biblioteca e arquivo.
4. A sinalização dos roteiros deve ser clara.
5. É importante que o museu possua um plano geral de acessibilidade que atenda crianças, idosos, gestantes, obesos, cegos, cadeirantes, surdos e outros indivíduos com necessidades especiais.

3. CASOS EXEMPLARES

O estudo dos casos exemplares serviu para embasar a proposta de restauração do edifício da DPV, para que se transforme em um museu com instalações anexas.

3.1. Museu Cerâmico Triana – Sevilha, Espanha.

O Museu Cerâmico de Triana foi criado pela equipe AF6 Arquitetos. Ele se localiza em Sevilha, na Espanha, tendo sido inaugurado no ano de 2010 e possui uma área de 2241,0 m² (Ver Mapa 1). Esse caso exemplar se tornou pertinente pois ele consiste em uma nova estrutura que reaproveita a antiga estrutura da fábrica de cerâmica. Esta ideia se encaixa na proposta do anteprojeto de museu para a cidade de Limoeiro.

Mapa 1: Planta de Localização do Museu Cerâmico de Triana



Fonte: Archdaily, 2019.

Esse projeto foi feito na antiga fábrica de cerâmica de Santa Ana, que foi desativada no final do século XX, no distrito de Triana. Esse pequeno município possui a maior parte de edificações residenciais, com pátios de vizinhança e oficinas de artesanato. Essas atividades artesanais coexistem com as atividades artísticas e culturais presentes na cidade, como a cerâmica, a dança Flamenco e outras atividades ligadas à cultura do lugar. Além disso, a produção de cerâmica foi um dos ofícios principais para o desenvolvimento da cidade e tem uma forte identidade com a mesma.

A área não possui edifícios públicos novos, com a predominância do estilo arquitetônico local, porém existem edificações que são ideais para renovações. Com

o objetivo de preservar a paisagem já existente, as fachadas do museu permaneceram com as características arquitetônicas locais, revestidas com cerâmicas Santa Ana (Foto 38).

Foto 38: Fachada do Museu Cerâmico de Triana.

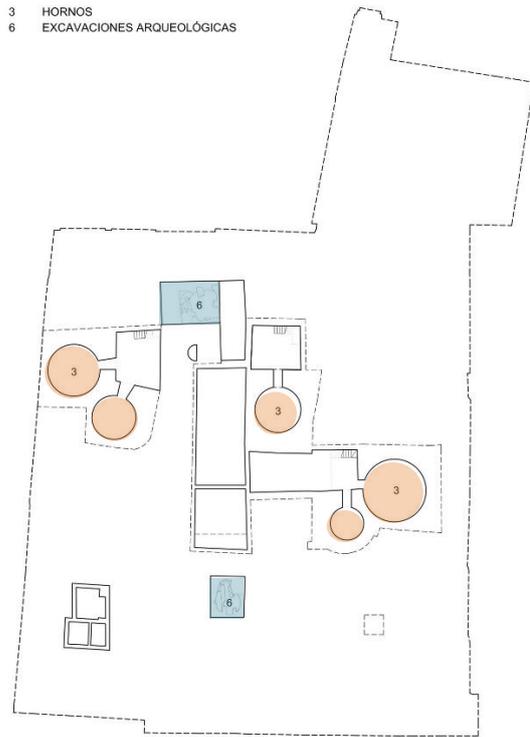


Fonte: Archdaily, 2019.

Quanto aos componentes volumétricos, estes consistem na união de três blocos, sendo o primeiro a entrada onde a fachada foi preservada, como pode-se observar na Foto 38. O segundo de altura menor possui aparência industrial e mais austera, e o terceiro é um edifício de três pavimentos.

Os arquitetos organizaram o fluxo interno desse edifício como se este fosse um labirinto, com o intuito de fazer o público compreender como era o funcionamento da fábrica, à medida que caminham observando a exposição. Além disso, foram preservados oito fornos da fábrica, alguns datam do século XVI (Figura 2).

Figura 2: Planta baixa do subsolo.



Fonte: Archdaily, 2019.

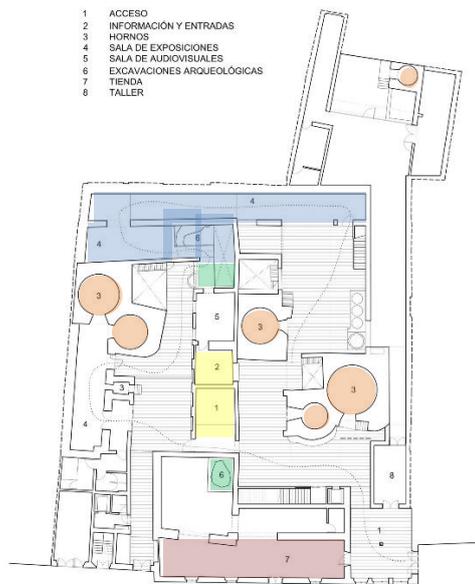
Legenda:

Fornos.

Escavações arqueológicas.

As salas de exposições permanentes são formadas por corredores e estão divididas em quatro setores: cerâmicas medievais, renascentistas, barrocas e dos séculos XIX e XX (Figura 3). Também há salas para exposições temporárias, salas para audiovisuais, áreas reservadas para escavações arqueológicas, lojas e uma biblioteca no último andar da fábrica (Figura 4). É importante ressaltar que existem elementos como a fumaça, a desordem, tijolos, madeiras e cinzas, que fazem parte de um método arqueológico que não apaga os traços do tempo e do espaço.

Figura 3: Planta baixa do térreo.

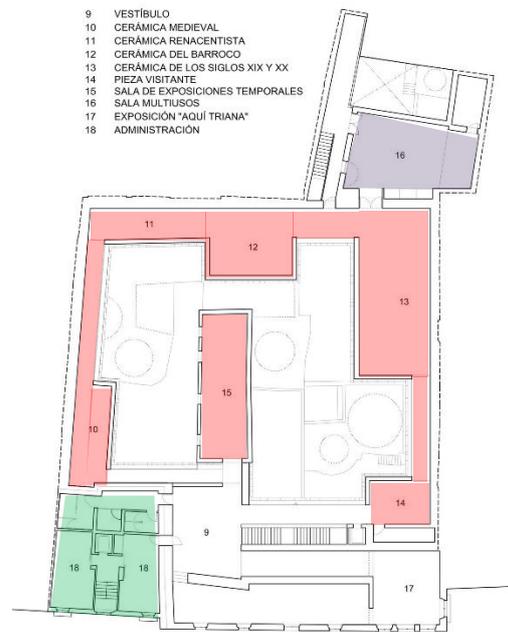


Fonte: Achdaily, 2019.

Legenda:

-  Fornos.
-  Sala de exposições.
-  Escavações arqueológicas.
-  Lojas.
-  Acesso e entrada para o acervo.

Figura 4: Planta Baixa do primeiro pavimento.



Fonte: Archdaily, 2019.

Legenda:

- Biblioteca
- Sala de exposições permanentes e temporárias.
- Sala multiuso.

Foto 39: Interior do Museu Cerâmico de Triana.



Fonte: Archdaily, 2019.

Há uma estrutura independente de metal galvanizado, que é a parte contemporânea do museu, destacando-se da alvenaria antiga da fábrica (Foto 39).

Essas estruturas de metal formam prateleiras que abrigam peças cerâmicas circulares de quatro dimensões diferentes. Essa ideia se caracteriza pela linha de produção das cerâmicas, fazendo alusão ao empilhamento.

3.2. Museu de fotografia de Fortaleza – Ceará

Localizado em Fortaleza, no Ceará, no bairro de Varjota, o museu de Fotografia foi projetado pelo estúdio Marcus Novais Arquitetura e possui uma área de 1940,00 m², sendo inaugurado no ano de 2017. Antes da intervenção arquitetônica, o edifício funcionava como antiga sede do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU). Esse prédio apresentava vãos variados, com baixo pé direito, aberturas mal dimensionadas, pouca acessibilidade e fachada sem nenhum quesito estético, que pouco interagiu com o entorno.

O bairro de Varjota apresenta vida social bastante ativa e é considerado um grande polo gastronômico, fato que acarreta num lugar bastante requisitado pelo público.

O edifício possui um total de cinco pavimentos. A função principal é abrigar um dos maiores acervos fotográficos do Brasil, com mais de duas mil peças onde estão presentes grandes os nomes da fotografia mundial, como Mc Curry, Henri Cartier-Bresson e Marcel Gautherot e também artistas contemporâneos como André Liohn, Cláudia Anduiar e Rosangela Rennó.

O subsolo do edifício abriga a garagem, um jardim interno, administração, copa, banheiro para os funcionários e alguns depósitos de apoio (Figura 5).

Figura 5: Planta baixa do subsolo.



Fonte: Archdaily, 2019.

Legenda:

- Sala de materiais.
- Espaço destinado à garagem.
- Copa, banheiros, vestiários e depósitos de apoio ao museu.

O pavimento térreo abriga a recepção, com bibliotecas, café e lojas. Porém, maior parte dessa área está destinada às exposições temporárias. O agenciamento é voltado para uma maior integração do edifício com o bairro a partir da inserção de *parklets*, num dos quais está uma árvore nativa do semiárido nordestino, a Carnaúba. Além disso, existe também uma rampa e um conjunto de mesas externas afim de resgatar o caráter culinário do bairro (Figura 6).

Figura 6: Planta baixa do pavimento térreo



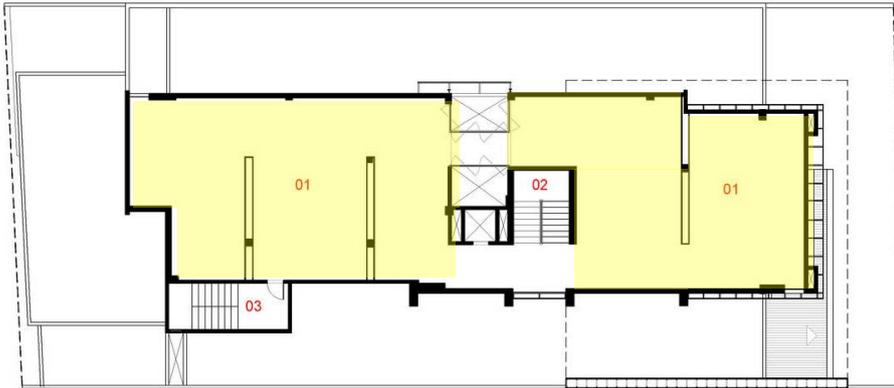
Fonte: Archdaily, 2019.

Legenda:

- Recepção.
- Banheiros e espaço para o gerador.
- Área de exposição temporária.
- Biblioteca, café e lojas.

Quanto ao primeiro pavimento, é composto inteiramente pela área de exposição permanente, o acesso principal, as instalações contra incêndio e as saídas de emergência (Figura 7).

Figura 7: Planta baixa do primeiro pavimento



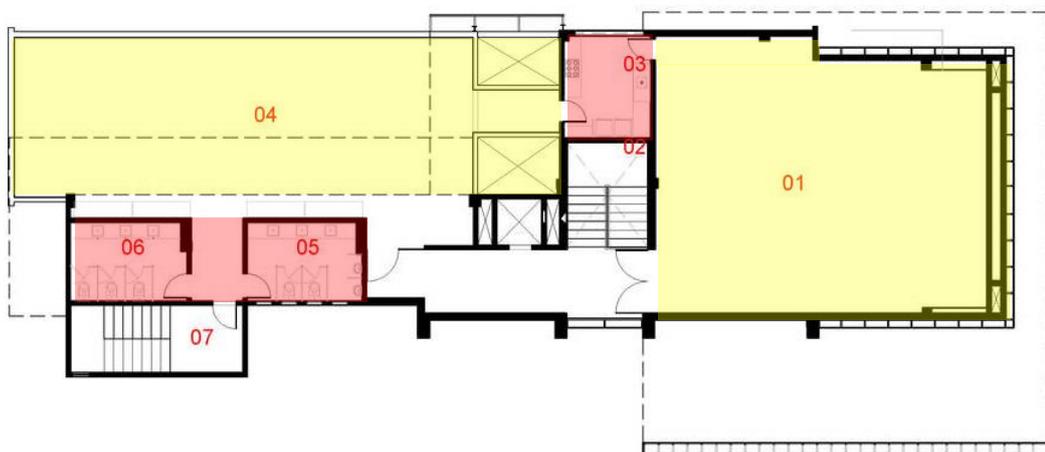
Fonte: Archdaily, 2019.

Legenda:

Área de exposição permanente.

O segundo pavimento é idêntico ao primeiro, porém o terceiro possui uma sala multiuso, um bloco de banheiros, espaço para eventos e uma pequena copa de apoio (Figura 8).

Figura 8: Planta baixa do terceiro pavimento.



Fonte: Archdaily, 2019.

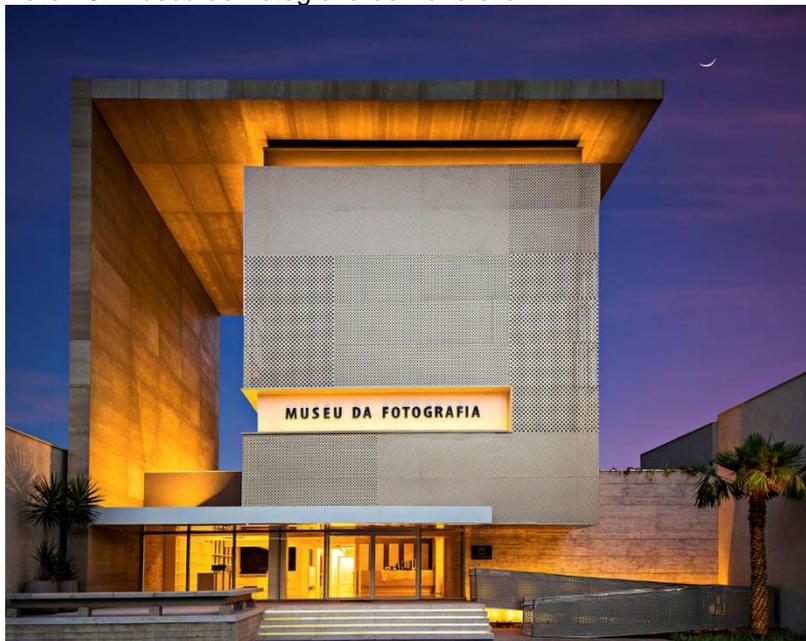
Legenda:

- Área multiuso para atividades e eventos
- Banheiros e copa.

O controle da luz é um parâmetro bastante importante para essa obra, pois é necessário para a conservação das obras. O forro foi removido para aumentar o pé direito, enquanto as instalações de climatização e elétricas foram acomodadas entre as vigas existentes no teto.

Quanto à volumetria, é composta por dois blocos, onde o primeiro se destaca por uma estrutura metálica em balanço separada do segundo. O segundo bloco foi revestido com placas de *Aluminium Composite Material (ACM)* perfuradas com furos de tamanhos distintos, afim de formar um mosaico, que também serve para inibição da iluminação solar, extremamente forte em Fortaleza.

Foto 40: Museu de Fotografia de Fortaleza.



Fonte: Archdaily, 2019.

3.3. Museu da Cidade, Forte das Cinco Pontas – Recife

Localizado no bairro de São José, no Recife, o Museu do Forte das Cinco Pontas inicialmente era uma fortaleza construída pela Companhia das Índias Ocidentais, por volta de 1630. Essa edificação foi construída em taipa sobre um solo alto, possuía formato pentagonal e cinco baluartes (Figura 9), fato que a fez ser

chamada de Forte das Cinco Pontas ainda hoje, mesmo depois que perdeu um dos baluartes, após a saída da WIC, quando foi reconstruída pelos luso-brasileiros (Fundação Joaquim Nabuco, 2008).

Figura 9: Planta baixa do Forte das Cinco Pontas, durante domínio holandês.



Fonte: GALINDO & MENEZES, 2003.

Os objetivos principais dessa edificação eram impedir que navios inimigos invadissem a costa e também garantir o abastecimento de água potável para a população de Recife, mediante a proteção das cacimbas de água que existiam nos arredores (Fundação Joaquim Nabuco, 2008).

Com a expulsão da Companhia das Índias Ocidentais do país, esse forte foi destruído pelos luso-brasileiros e reedificado em 1677 com materiais mais resistentes que a taipa de pilão, com a pedra e o cal, porém, durante essa reforma um dos baluartes foi excluído, assim o novo forte assume planta quadrangular com apenas quatro baluartes (Foto 41). No interior desse forte existia uma capela dedicada a São Tiago Maior, também conhecido como Santiago de Compostela ou Santiago Matamoros, padroeiro da maioria dos fortes brasileiros. Além disso, o local abrigava celas subterrâneas para os inimigos (Fundação Joaquim Nabuco, 2008).

Foto 41: Vista aérea do Forte das Cinco Pontas.

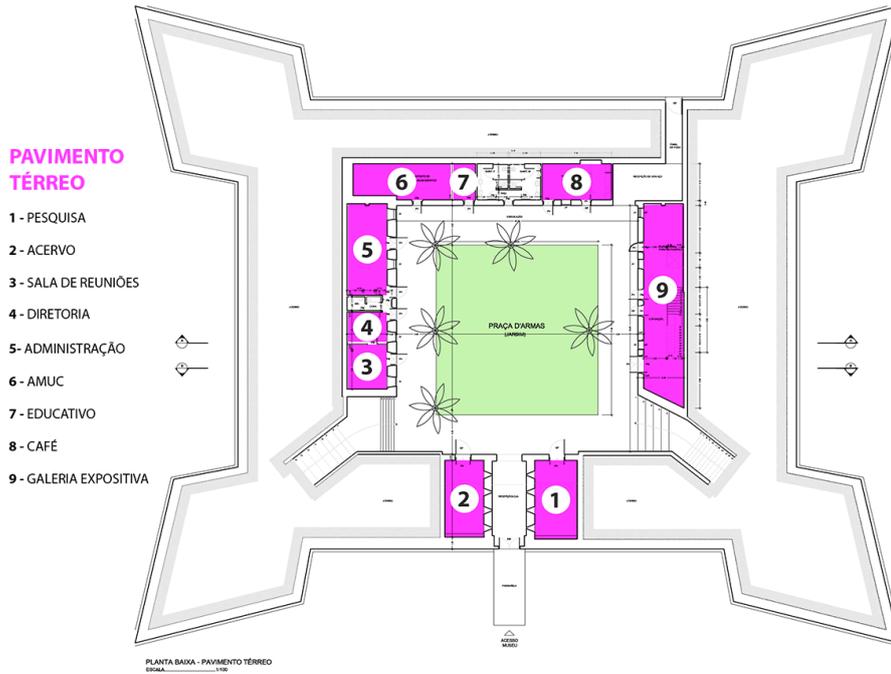


Fonte: Ministério do Turismo, 2017.

Com o intuito de preservar a memória nacional, o Forte das Cinco Pontas foi transformado em museu em 1982 e possui um grande acervo iconográfico, onde se encontram projetos originais de construções civis, militares e eclesiásticas, cartografias, entre outros. Além disso, estão expostas pinturas do artista Franz Post, que retratava em suas telas a vida no Recife durante o período de invasão feito pela Companhia das Índias Ocidentais. Também se encontram no acervo as peças encontradas durante os trabalhos arqueológicas para a restauração, como pinhas de louça portuguesa, canhões, entre outros (Fundação Joaquim Nabuco, 2008).

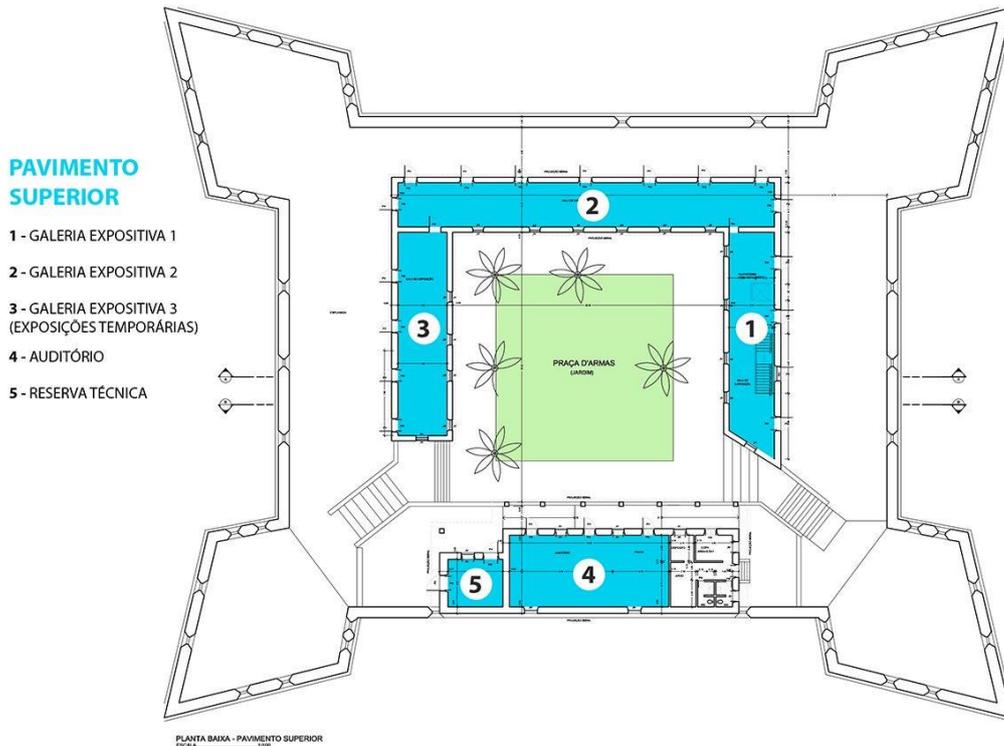
A configuração do forte como museu não alterou a estrutura antiga. O espaço serve para exposições temporárias e permanentes. No pavimento térreo estão localizados parte do acervo, um espaço para pesquisas, o setor administrativo e áreas para entretenimento e lazer, como por exemplo, o café e o setor educativo (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Planta baixa do Pavimento térreo do Forte das Cinco Pontas.



Fonte: Museu da Cidade do Recife, 2016.

Figura 11: Planta Baixa do pavimento superior do Forte das Cinco Pontas.



Fonte: Museu da Cidade do Recife, 2016.

3.4 Análise dos Casos Exemplares

Diante do que foi visto sobre os três Casos Exemplares, foi elaborado um quadro que aborda os aspectos positivos e negativos de cada um destes, afim de tomar essas notificações como parâmetros para o projeto do museu que será proposto para a cidade de Limoeiro.

Quadro 1: Análise dos aspectos positivos e negativos dos Casos Exemplares.

Aspectos	Museu de Triana, Sevilha, Espanha.	Museu de Fotografia, Varjota, Fortaleza.	Museu da Cidade, Forte das Cinco Pontas, Recife.
Positivos	<ul style="list-style-type: none"> - Preservação da antiga estrutura e fornos presentes na antiga fábrica de Cerâmica local. - Inserção de estruturas independentes para a composição volumétrica externa, que resultaram em uma boa solução estética, que mesmo sendo contemporânea não perde a identidade do edifício. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vastos espaços para exposições permanentes e temporárias. - Setores de exposições e serviços bem definidos. - Acessibilidade para cadeirantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preservação da edificação antiga sem excluir a identidade local. - Acessibilidade para cadeirantes. - Possui plataforma para cadeirantes.
Negativos	<ul style="list-style-type: none"> - Corredores muito estreitos para servirem de sala de exposições. - Não possui elevadores para acessibilidade de cadeirantes. - O acesso para a biblioteca se dá por meio da sala de administração, visto que o espaço administrativo não é ideal para fluxo do público. 	-	<ul style="list-style-type: none"> - As rampas que existiam para o transporte de canhões, foram transformados em escadas, impedindo que os cadeirantes tenham acesso aos baluartes.

Fonte: Autora, 2019.

Diante da análise do programa de necessidades de cada museu, é possível separar os ambientes em três categorias: 1- a área social, que se destina às atividades lúdicas, direcionadas para entretenimento do público, assim como ambientes para suprir as necessidades básicas; 2- a área de atividades museais, que está direcionada especificamente para a principal função do edifício, onde se encaixam as áreas de exposições e atividades ligadas ao acervo museológico; 3- a área de serviços de apoio, que trata de todos os equipamentos necessários para o funcionamento da

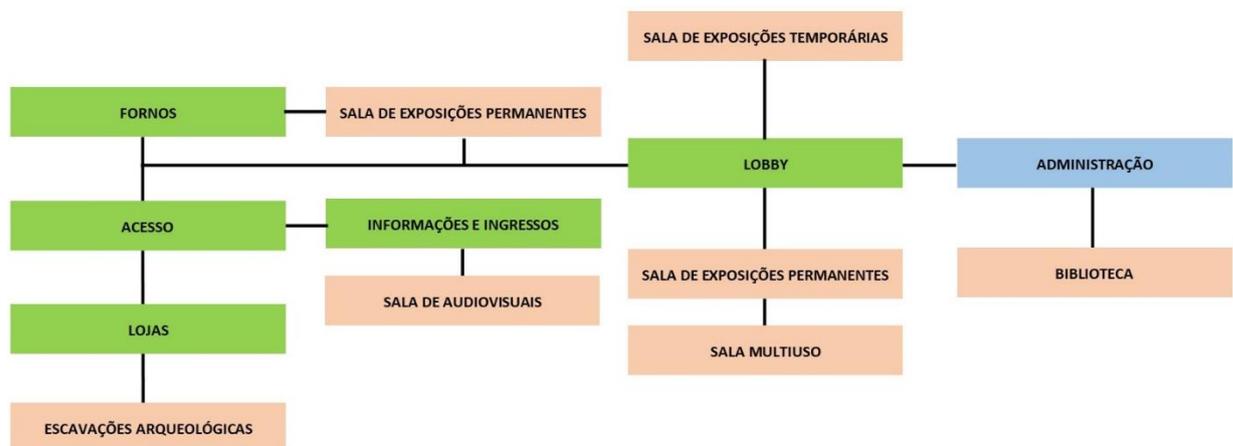
instituição, como por exemplo, a diretoria, a administração, entre outros. Com base nessas categorias, foram elaborados quadros e organogramas com a setorização dos ambientes de cada museu apresentado nos casos exemplares:

Quadro 2: Setorização de ambientes do Caso Exemplar 01.

Museu cerâmico de Triana		
Área social	Área de atividades museais	Áreas de serviços de apoio ao museu
<ul style="list-style-type: none"> - Entrada - Sala de informações e ingressos - Lojas - Lobby - Banheiro feminino - Banheiro masculino 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de exposições permanente - Sala de exposições temporárias - Acervo de cerâmicas - Sala multiuso - Biblioteca - Escavações arqueológicas - Sala de audiovisuais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Banheiro feminino para funcionários. - Banheiro masculino para funcionários. - Administração

Fonte: Autora, 2019.

Figura 12: Organograma do Museu Cerâmico de Triana

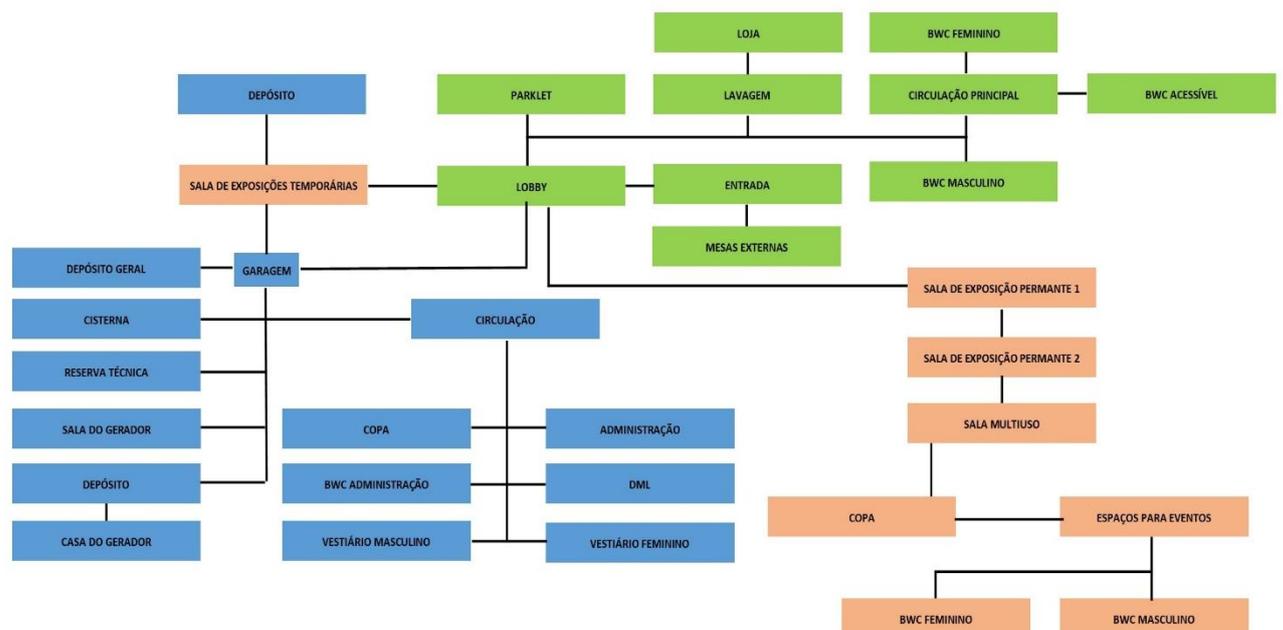


Fonte: Autora, 2019.

Quadro 3: Setorização de ambientes do Caso Exemplar 02.

Museu de Fotografia de Fortaleza		
Área social	Área de atividades museais	Áreas de serviços de apoio ao museu
<ul style="list-style-type: none"> - Entrada - Área de mesas externas - Lavagem - Loja - Banheiro feminino - Banheiro masculino - Banheiro acessível - Lobby - Parklet 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de exposições temporárias - Sala de exposições permanentes - Sala multiuso - Copa de apoio à sala multiuso - Espaço para eventos 	<ul style="list-style-type: none"> - Copa para funcionários - Banheiro feminino para funcionários - Banheiro masculino para funcionários - Administração - Depósito - Depósito de materiais de limpeza - Vestiário feminino - Vestiário masculino

Fonte: Autora, 2019.

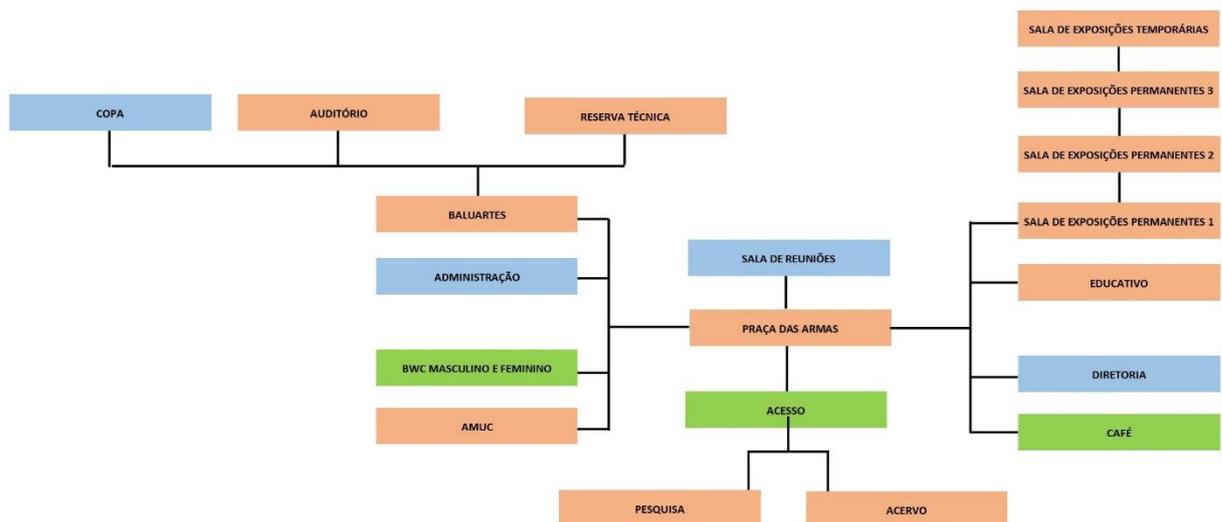
Figura 13: Organograma do Museu de Fotografia de Fortaleza.

Fonte: Autora, 2019.

Quadro 4: Setorização de ambientes do Caso Exemplar 03.

Museu da Cidade, do Forte das Cinco Pontas		
Área social	Área de atividades museais	Áreas de serviços de apoio ao museu
<ul style="list-style-type: none"> - Entrada - Café 	<ul style="list-style-type: none"> - Acervo - Galeria de exposições permanente - Galeria de exposições temporárias - Setor educativo - Auditório - Reserva técnica - Praça das armas 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de reuniões - Diretoria - Administração - Copa - Sala de apoio - Banheiro feminino - Banheiro masculino - Depósito

Fonte: Autora, 2019.

Figura 14: Organograma do Museu do Forte das Cinco Pontas

Fonte: Autora, 2019.

Além da setorização dos espaços, foi feita uma análise da área em metros quadrados de cada ambiente dos três museus, para que a partir da média aritmética destes, defina-se um parâmetro para o dimensionamento do anteprojeto para o museu da cidade de Limoeiro.

Quadro 5: Comparação das áreas e dos ambientes dos Casos Exemplos.

Museu cerâmico de Triana		Museu de fotografia de Fortaleza		Museu do Forte das Cinco Pontas		Total
Ambiente	Área (M ²)	Ambiente	Área (M ²)	Ambiente	Área (M ²)	
Entrada	42,00	Entrada	8,00	Entrada	26,87	25,62
Lobby	48,00	Lobby	24,00	Lobby	-	24,00
Loja	72,00	Loja	18,00	Loja	-	30,00
Administração	100,00	Administração	15,00	Administração	40,55	51,85
Biblioteca	100,00	Biblioteca	18,00	Biblioteca	-	39,33
Sala de audiovisuais	15,75	Sala de audiovisuais	-	Sala de audiovisuais	-	5,25
Sala multiuso	66,00	Sala multiuso	52,00	Sala Multiuso	-	39,33
Informações e ingressos	34,00	Informações e ingressos	-	Informações e ingressos	-	11,33
Sala de exposições temporárias	65,00	Sala de exposições temporárias	240,00	Sala de exposições temporárias	35,30	113,33
Banheiro feminino para usuários	10,00	Banheiro feminino para usuários	2,8	Banheiro feminino para usuários	11,12	7,97
Banheiro masculino para usuários	10,00	Banheiro masculino para usuários	4,55	Banheiro masculino para usuários	11,12	8,55
Copa	-	Copa	4,00	Copa	8,10	4,03
Banheiro masculino para funcionários	10,00	Banheiro masculino para funcionários	4,75	Banheiro masculino para funcionários	3,45	6,06
Banheiro feminino para funcionários	10,00	Banheiro feminino para funcionários	4,75	Banheiro feminino para funcionários	3,45	6,06
Banheiro acessível	16,00	Banheiro acessível	1,90	Banheiro acessível	-	5,96
Reserva técnica	-	Reserva técnica	45,00	Reserva técnica	-	15,00
Auditório	-	Auditório	-	Auditório	63,00	21,00
Sala de exposição permanente	126,00	Sala de exposição permanente	186,68	Sala de exposição permanente	263,20	191,96
Depósito	-	Depósito	6,00	Depósito	5,10	3,70

Depósito de materiais de limpeza (DML)	-	Depósito de materiais de limpeza (DML)	2,00	Depósito de materiais de limpeza (DML)	-	2,00
Depósito Geral	-	Depósito Geral	5,00	Depósito Geral	-	5,00
Vestiário Feminino	-	Vestiário Feminino	4,00	Vestiário Feminino	-	4,00
Vestiário Masculino	-	Vestiário Masculino	4,00	Vestiário Masculino	-	4,00
Área de mesa externa	-	Área de mesa externa	13,50	Área de mesa externa	-	13,50
Café	-	Café	-	Café	29,49	29,49
Sala de reuniões	-	Sala de reuniões	-	Sala de reuniões	22,25	22,25
Diretoria	-	Diretoria	-	Diretoria	12,94	12,94
Área de pesquisa	-	Área de pesquisa	-	Área de pesquisa	26,34	26,34
Acervo	-	Acervo	-	Acervo	26,34	26,34
Espaço Educativo	-	Espaço Educativo	-	Espaço Educativo	9,02	9,02

Fonte: Autora, 2019.

4. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

4.1 Histórico

Limoeiro é uma cidade localizada no Agreste de Pernambuco, na microrregião do Médio Capibaribe, situando-se a 77 km da capital Recife (Mapa 2) e possui cerca de 56.772 habitantes (PREFEITURA DE LIMOEIRO, 2019).

Mapa 2: Localização do Município de Limoeiro



Fonte: Wikipédia, 2019.

Segundo Vilaça (1970), a cidade de Limoeiro nos primeiros tempos fazia parte da sesmaria de Pernambuco e era uma aldeia de índios Tupi, que se localizava às margens do rio Capibaribe. A cidade recebeu este nome por possuir em abundância pés de limão. A partir das missões jesuíticas, chega na região o padre Ponciano Coelho, responsável pela catequese dos índios. Ao mesmo tempo, havia um colonizador português que havia se estabelecido em Poço do Pau, hoje distrito pertencente à Limoeiro. Esse colonizador era devoto de Nossa Senhora da Apresentação e construiu uma pequena capela para a santa em sua propriedade. Essa situação atraiu diversos colonizadores portugueses de outras regiões para morarem lá, devido às missas e festejos. Isso acarretou a possibilidade de surgir um novo povoado naquela região. Porém o padre Ponciano Coelho tinha planejado o centro do povoado no local em que hoje se localiza a Igreja Matriz.

Dessa forma, aproveitando-se da fé e da ignorância dos colonos, o padre Ponciano elaborou um plano e ordenou que seus cativos roubassem a imagem de Nossa Senhora da Apresentação da igreja de Alexandre Moura em Poço do Pau. No dia seguinte, a inquietação do povoado era imensa, devido ao desaparecimento da santa, que foi encontrada embaixo de um pé de limão, onde hoje se localiza o altar-mor da Igreja Matriz. A partir disso, o padre afirmou que o ocorrido se tratava de um milagre, que consistia no desejo da santa que sua capela fosse construída

onde o padre Ponciano tinha marcado. E assim, foi construída uma pequena igreja no local, que com o passar dos séculos recebeu diversas alterações na estrutura e fachada, encontrando-se hoje em estilo Neogótico. Sendo assim, a igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação possui grande valor para a história da cidade (Foto 42).

Foto 42: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.



Fonte: Plano Diretor da Cidade de Limoeiro, 2006.

Limoeiro torna-se independente do município de Igarassu em 27 de julho de 1811, ganhando emancipação política através de um alvará enviado pelo príncipe regente Dom João VI.

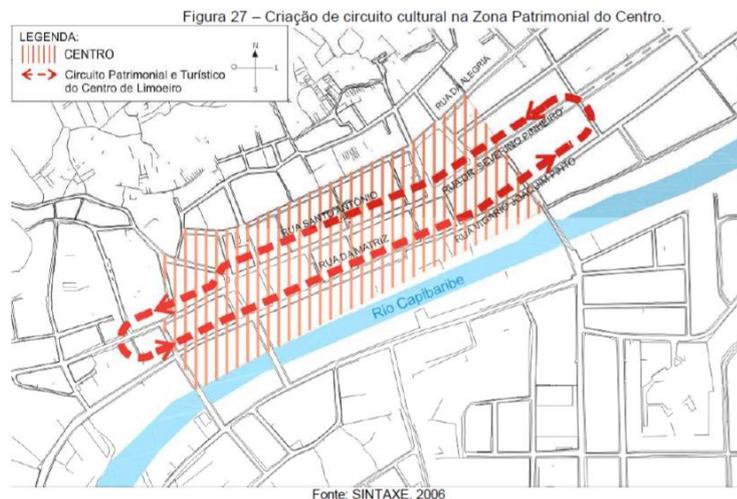
4.2 Legislação direcionada ao patrimônio da cidade

A legislação municipal, de acordo com o Plano de Preservação dos Sítios Históricos (PPSHI), classifica os imóveis históricos em “edifícios isolados” e “sedes de engenhos”. Dessa forma, três edifícios foram categorizados como isolados: o Mercado Público, o Açougue Municipal e a Prefeitura Municipal, por apresentarem características originais preservadas e poucas modificações facilmente identificáveis. Como “Sedes de engenhos” foram categorizados o Engenho Guabiraba e o Engenho Novo, que sofreram diversas modificações e não preservaram plenamente as características originais das edificações (Plano Diretor do Município de Limoeiro).

Além da classificação do patrimônio histórico feita pelo PPSHI, em um dos trabalhos de elaboração do Plano Diretor do Município, identificaram-se outros edifícios que possuem importância histórica e cultural: o Edifício da Rádio Difusora,

o Cinema Municipal, o Conjunto de edifícios da Fazenda Ribeiro do Mel, a Câmara Municipal, a Praça da Bandeira, a Praça Comendador Pestana, o Conjunto das edificações das ruas da Matriz e Santo Antônio, a Igreja Matriz de Urucuba e a Edificação da Rua João Vidal s/n em Vila Urucuba (Plano Diretor do Município de Limoeiro, 2007) Existe ainda uma área demarcada como Zona Patrimonial do Centro (ZPC), pelo microzoneamento da cidade (Mapa 3).

Mapa 3: Demarcação da Zona Patrimonial do Centro.



Fonte: Plano Diretor do Município de Limoeiro, 2007.

As diretrizes presentes para a Zona Patrimonial do Centro (ZPC) apresentam a restauração e conservação dos bens patrimoniais materiais, a criação de um circuito turístico contemplando esses bens e a criação de espaços culturais, como museus e bibliotecas. Porém, na realidade, encontra-se o descaso e a falta de iniciativa dos entes públicos e da população para proteção dos imóveis históricos.

4.3 Edifícios de importância histórica

A cidade de Limoeiro está repleta de edifícios que marcam sua trajetória histórica e econômica. Eles estão distribuídos pelo centro e também pela zona rural. São de estilos arquitetônicos diversos. Fazendo-se uma linha do tempo, eles vão desde o início do século XIX, com o estilo Neoclássico, passando pelo Neogótico, do final do século XIX, indo para o Eclétismo, do final do século XIX até os anos 40 no Brasil, chegando até o Neocolonial que ainda é Eclétismo, do início do século XX e

até o *Art Déco* (anos 20 a final dos anos 50 no Brasil). Há também edifícios modernistas.

Segundo a classificação de valores patrimoniais, é possível identificar neles o valor de antiguidade, que é caracterizado pelo aspecto da edificação não se encaixar no estilo da modernidade, o valor histórico, que revela diversas épocas de evolução de um determinado povo e o valor simbólico, responsável pela importância cultural do imóvel (ZANCHETTI & LACERDA, 2012).

Porém, mesmo diante disto, alguns edifícios se encontram deteriorados e alguns já foram demolidos, devido à falta de legislação para a sua proteção. As informações a seguir foram retiradas de Vilaça (1970), Rêgo (1999) e De Paula (2016). Esse caso se evidencia no edifício do DPV (Foto 44), de arquitetura eclética, que se encontra deteriorado e no edifício do cinema São Luís (Foto 43), que possuía estilo *Art Déco* e foi demolido em 2018.

Foto 43: Prédio do Cinema São Luís.



Fonte: DE PAULA, 2016.

Foto 44: Edifício do Departamento de Veículos.



Fonte: Autora, 2019.

Entre os edifícios de importância histórica, se destacam:

1. Edifício da Rádio Difusora

Foi inaugurado em 1958, em estilo *Art Déco*, para ser uma emissora de rádio que teve grande papel na imprensa limoeirense. Deixou de funcionar na década de 90, sendo doado para o Governo Municipal e transformado em um Centro Cultural para a cidade (Fotos 45 e 46).

Foto 45: Rádio Difusora, anos 50.

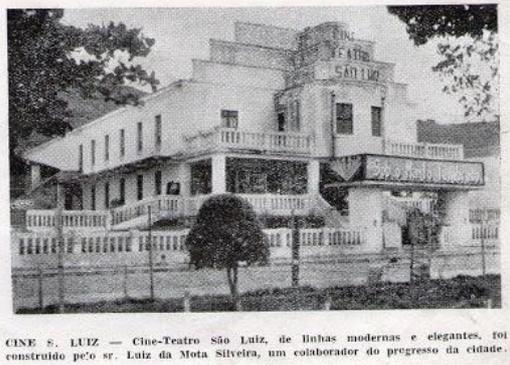
Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 46: Rádio Difusora.

Fonte: Autora, 2019.

2. Edifício do Cinema São Luís

Foi um dos últimos a serem construídos na cidade, em 1949, no estilo arquitetônico *Art Déco*. Também, funcionou como escola até o ano de 2007. Porém, devido à ausência de legislação que assegure a preservação, ele foi demolido em 2018 (Fotos 47 e 48).

Foto 47: Cinema São Luís na década de 50.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 48: Cinema São Luís

Fonte: De Paula, 2016.

3. Casario do Sítio Ribeiro do Mel

Trata-se de uma pequena vila que cresceu com o cultivo de Algodão do Sítio Ribeiro do Mel, que até os dias atuais mantém festas tradicionais de santos padroeiros, como por exemplo Nossa Senhora Sant' Ana (Fotos 49, 50 e 51).

Foto 49: Casario do Sítio Ribeiro do Mel.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 50: Casario do Sítio Ribeiro do Mel.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 51: Igreja do casario do Sítio Ribeiro do Mel.



Fonte: Autora, 2019.

4. Câmara dos Vereadores de Limoeiro

Construída em 1918 para ser um grupo escolar, o edifício da Câmara de Vereadores, em 1934 também serviu para ser sede do Ginásio de Limoeiro, escola fundada pelo Padre Nicolau Pimentel. Posteriormente passa a funcionar no prédio o Fórum da cidade até os dias atuais (Foto 52).

Foto 52: Câmara de Vereadores de Limoeiro.



Fonte: Autora, 2017.

5. Praça da Bandeira

Foi criada em 1938 e antes de sua existência ali havia um cemitério. Porém, na década de 90, a praça sofreu modificações que alteraram seu traçado. Ela é considerada uma das mais belas do Agreste (Fotos 53 e 54).

Foto 53: Praça da Bandeira.



Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 54: Praça da Bandeira.



Fonte: Autora, 2019.

6. Pátio da Feira (Praça Comendador Pestana)

Data do século XIX, hoje é conhecido como Pátio da Feira. Nele, antes que a Prefeitura se erguesse ao seu redor, existia a antiga Cadeia e um Pelourinho. Nessa época era conhecido como Largo do Pelourinho (Foto 55).

Foto 55: Pátio da Feira.

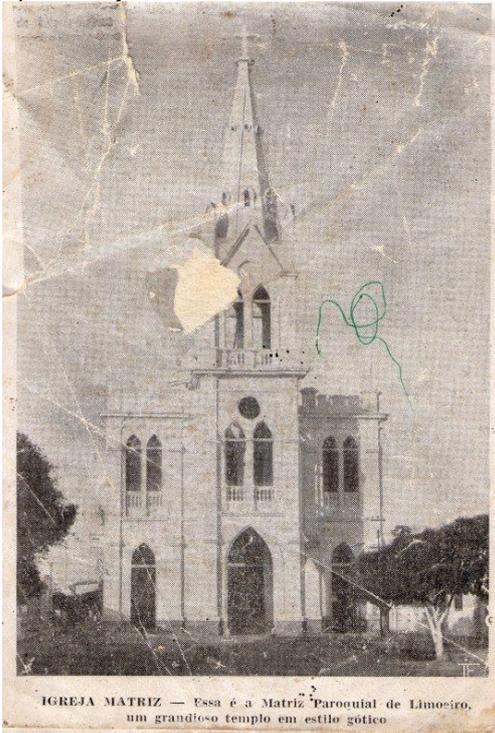


Fonte: Autora, 2019.

7. Igreja Matriz

Trata-se da lendária igreja da fundação da cidade de Limoeiro. Inicialmente uma pequena ermida, que com o tempo foi sofrendo diversas alterações. A igreja inicial foi demolida, dando lugar à que se encontra hoje, em estilo Neogótico. A igreja matriz data de 1925 e o lugar da cúpula, onde internamente se localiza o altar mor, é exatamente o local onde havia um limoeiro, onde aconteceram as supostas aparições de Nossa Senhora da Apresentação (Fotos 56 e 57).

Foto 56: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.



Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 57: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

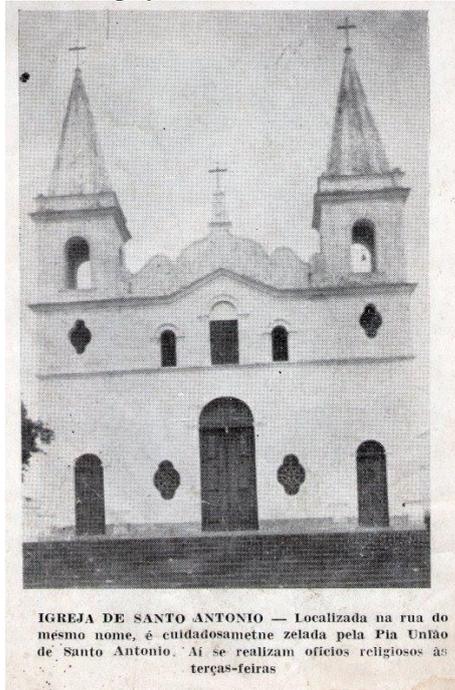


Fonte: Autora, 2019.

8. Igreja de Santo Antônio

Foi construída em 1905 por um português que morava na cidade, chamado Antônio de Souza Dourado. Porém, quando foi comunicada a notícia da construção dessa igreja ao Vigário da cidade, este não aprovou, condenando o lugar, afim de não tirar a hegemonia que a igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação possuía na cidade. Mas, mesmo com a reprovação do vigário, Dourado construiu a igreja, que apresenta austeridade, com duas torres sineiras (Fotos 58 e 59).

Foto 58: Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 59: Igreja de Santo Antônio.



Fonte: Autora, 2019.

9. Igreja do Cristo Redentor

Localizada no ponto mais alto da cidade, na Serra do Redentor ou Serra da Raposa, a igreja foi construída em 1905 para abrigar a imagem de Cristo Redentor dos Homens, que segundo a população, era responsável por milagres (Fotos 60 e 61).

Foto 60: Igreja do Cristo Redentor.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 61: Igreja do Cristo Redentor.

Fonte: Autora, 2019.

10. Escola Estadual Nicolau Pimentel

Fundada pelo Padre Nicolau Pimentel, o Ginásio de Limoeiro foi erguido em 1934, em estilo *Art Déco*. Era um colégio interno masculino, para os filhos de diversos senhores de grande poder aquisitivo das cidades vizinhas. Posteriormente, passou a ser uma escola estadual e recebeu o nome do fundador. Parou de funcionar como escola em 2015, passando para a Gerência Regional de Educação (GRE) Vale do Capibaribe (Fotos 62 e 63).

Foto 62: Escola Padre Nicolau Pimentel.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 63: Escola Padre Nicolau Pimentel.

Fonte: De Paula, 2016.

11. Edifício da Prefeitura de Limoeiro

Construído em 1909 no mesmo lugar onde se localizava a antiga Cadeia de Limoeiro, a Prefeitura de Limoeiro é um edifício Eclético e até hoje se mantém com a fachada inalterada e funcionando (Fotos 64 e 65).

Foto 64: Prefeitura Municipal de Limoeiro.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 65: Prefeitura Municipal de Limoeiro.

Fonte: Plano Diretor de Limoeiro, 2006.

12. Edifício do Açougue Municipal

Construído em 1915, parou de funcionar no ano de 2007 e as atividades foram transferidas para um galpão. Inicialmente, havia a proposta de transformá-lo no Museu da Cidade, porém o prédio se encontrava em abandono. Mas neste ano de 2019 se iniciaram as obras de intervenção para o funcionamento de um Centro de Artesanato (Fotos 66 e 67).

Foto 66: Açougue Municipal.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 67: Açougue Municipal.

Fonte: Autora, 2019.

13. Mercado Público

Foi construído em 1897, era chamado pelos cidadãos de Pátio da Cadeia, ou Largo do Pelourinho, devido a um pelourinho que existia na praça Comendador Pestana, próximo à antiga Cadeia, onde hoje se encontra a Prefeitura. Limoeiro. A cidade é cortada por três ruas principais paralelas: A rua Santa Cruz, a Rua Central, ou “Rua do Meio”, hoje chamada de Avenida Santo Antônio, que tinha uma feira e a Rua da Mangueira. A feira da Rua do Meio foi transferida para dentro deste mercado (Fotos 68 e 69).

Foto 68: Mercado Público.

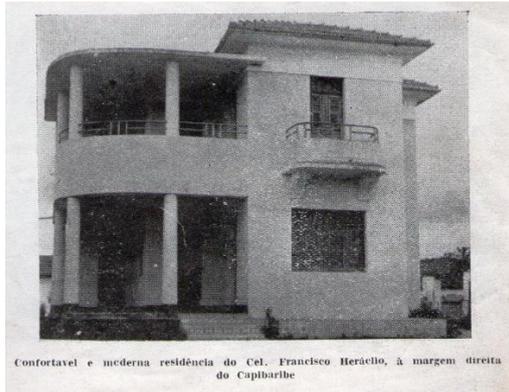
Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 69: Mercado Público.

Fonte: De Paula, 2016.

14. Residência do Coronel Francisco Heráclio do Rêgo

Francisco Heráclio do Rêgo foi uma figura importante na época do coronelismo nas cidades interioranas e teve um papel ativo na vida política da cidade sendo o último coronel da cidade de Limoeiro. Ele construiu sua residência em estilo *Art Déco* em um bairro que hoje se denomina como Congal (Fotos 70 e 71) (RÊGO, 1999).

Foto 70: Casa do Coronel Francisco Heráclio.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 71: Casa do Coronel Francisco Heráclio.

Fonte: Autora, 2019.

15. Usina de Algodão

A Usina Beneficiadora De Algodão Otaviano Heráclio Duarte S. A. (IRODUSA), foi instalada em Limoeiro na década de 50, visto que a cidade era uma grande produtora de algodão. Tem o estilo *Art Déco*. Hoje o conjunto de galpões se encontra em estado de abandono, deteriorado pelas ações do tempo em suas estruturas, principalmente na cobertura (Foto 72).

Foto 72: Usina de Algodão (IRODUSA)



Fonte: Autora, 2019.

16. Edifício do Departamento de Veículos (DPV):

Não foram encontrados registros históricos sobre ele isoladamente, mas segundo De Paula (2016), está presente em uma área que se identifica como Pátio de Manobras e Armazéns. Desse modo, é provável que o edifício tenha servido de armazém de grãos, antes de ali funcionar a Biblioteca Municipal da cidade. Porém posteriormente passou a funcionar a Secretaria de Obras e Infraestrutura. Hoje o edifício é conhecido como o edifício do DPV (Fotos 73 e 74).

Foto 73: Pátio de Manobras e Armazéns.



Fonte: De Paula, 2016.

Foto 74: Edifício do DPV.



Fonte: Autora, 2019.

17. Clube de Futebol Centro Limoeirense

Foi fundado em 1913 e existe até os dias atuais. Esse mesmo time, tinha por rival o Colombo Sport Club (Fotos 75 e 76).

Foto 75: Centro Limoeirense.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 76: Centro Limoeirense.

Fonte: Autora, 2019.

18. Colombo “Sport Club”

Criado na década de 20, o Colombo Sport Club era um time de futebol existente na cidade de Limoeiro, que tinha como grande rival o Centro Limoeirense. Devido à grande rivalidade que tinha com outros times, foi originado o Primeiro Campeonato Pernambucano do Interior, promovido pela Liga Pernambucana de Futebol (Fotos 77 e 78).

Foto 77: Colombo Sport Club

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 78: Colombo Sport Club.

Fonte: Autora, 2019.

19. Antigo Moinho

Era uma antiga fábrica de fubá fundada no início do século XX. Hoje nos galpões funcionam pequenas lojas, porém o moinho se encontra em abandono (Fotos 79 e 80).

Foto 79: Moinho de Limoeiro.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 80: Moinho de Limoeiro.

Fonte: Autora, 2019.

20. Edifício da Loja Narciso

Foi construído na década de 20 e nele funcionava anteriormente o Armazinho São João. Apresenta a fachada Eclética e hoje funciona a Loja Narciso (Fotos 81 e 82).

Foto 81: Edifício da Loja Narciso.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 82: Edifício da Loja Narciso.

Fonte: Autora, 2019.

21. Loja Maçônica Frei Caneca

Fundada em 1908, possui o nome em homenagem a Frei Caneca, que passou pelas terras de Limoeiro durante a Revolução de 1824. O edifício antes era residência do inglês Kerne, que esteve pela cidade devido aos negócios relacionados ao cultivo de algodão. Funciona até hoje como templo maçônico (Fotos 83 e 84).

Foto 83: Loja Maçônica Frei Caneca.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 84: Loja Maçônica Frei Caneca.

Fonte: Autora, 2019.

22. Edifício dos Correios

Foi um projeto do Governo Federal, construído na década de 50 com arquitetura em estilo *Art Déco*, sendo aprovado pelo deputado Paulo Guerra (Fotos 85 e 86).

Foto 85: Edifício dos Correios.

Fonte: Flávio Antônio, 2011.

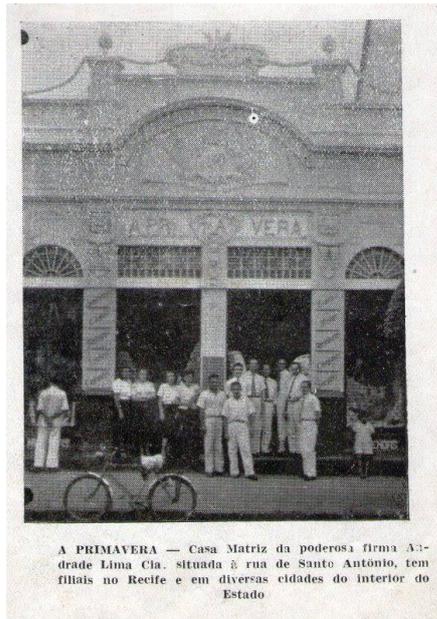
Foto 86: Edifício dos Correios.

Fonte: Autora, 2019.

23. Fachada da Casa Primor

Antigamente denominada de Casa Primavera, a rede de lojas possuía filiais no Recife e em muitas cidades do interior do estado. Hoje a Casa Primor mantém apenas a fachada Eclética preservada (Fotos 87 e 88).

Foto 87: Fachada da Casa Primor.



Fonte: Flávio Antônio, 2011.

Foto 88: Fachada da Casa Primor.



Fonte: Autora, 2019.

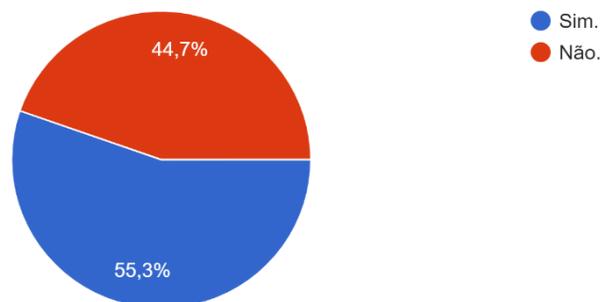
5. PONTO DE VISTA DOS MORADORES E VISITANTES DE LIMOEIRO

O questionário *online* feito pela internet (apêndice A), distribuído em redes sociais, foi um instrumento utilizado na pesquisa para se captar a percepção de moradores e visitantes da cidade em relação a um equipamento cultural como o que foi proposto. Teve a participação de 47 pessoas. Dentre elas, a maioria de 55,3% é de moradores (Gráfico 1). Os que são apenas visitantes, o principal motivo que os leva a frequentar a cidade de Limoeiro são os parentes que moram ali. O segundo motivo são os serviços, restando por último as atividades de lazer (Gráfico 2). A partir disso, nota-se a necessidade de um equipamento para a promoção do turismo e do lazer.

Gráfico 1: Número de entrevistados moradores de Limoeiro-PE.

Você mora em Limoeiro-PE?

47 respostas

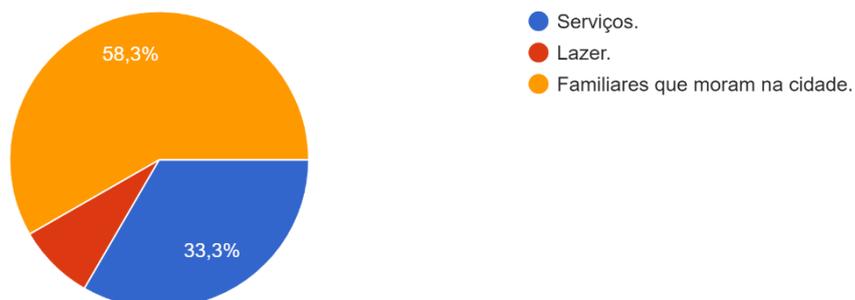


Fonte: Questionários Google modificado pela autora, 2019.

Gráfico 2: Motivos que fazem os visitantes frequentarem a cidade.

Se não, qual motivo te traz a cidade?

24 respostas



Fonte: Questionários Google modificado pela autora, 2019.

No que diz respeito aos edifícios históricos, os mais citados foram respectivamente:

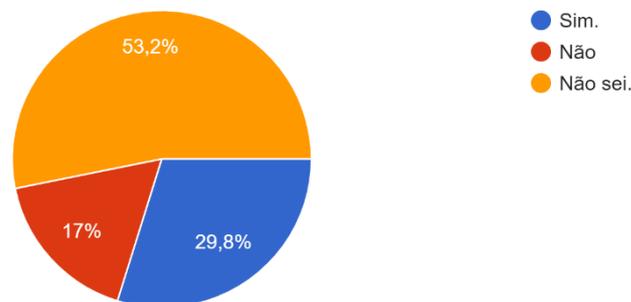
1. Igreja Matriz

2. Prefeitura Municipal
3. Mercado Público
4. Câmara Municipal dos Vereadores
5. Prédio do antigo açougue
6. Igreja de Santo Antônio
7. Colombo Sport Club
8. Escola Estadual Padre Nicolau Pimentel
9. Edifício da Rádio Difusora
10. Casa do Coronel Francisco Heráclio do Rêgo
11. Prédio da Usina IRODUSA
12. Prédio do Cinema São Luís
13. Centro Limoeirense de Futebol
14. Fachada da Casa Primor.

A maioria dos participantes não frequenta museus e não sabe se Limoeiro possui acervo suficiente para ser exposto em museus (Gráfico 3). Porém, das pessoas que confirmaram presença de acervo para expor, sugeriram fotos antigas, móveis de época, apresentações de artistas da terra, automóveis antigos, livros, artefatos antigos, fotos ou registros de pessoas que foram notórias na cidade e também artesanato.

Gráfico 3: Acervo Municipal

Para você, Limoeiro possui acervo suficiente para expor em um museu?
47 respostas



Fonte: Questionários Google modificado pela autora, 2019.

Uma das perguntas do questionário foi sobre o que seria um museu. De acordo com as respostas obtidas, as mesmas foram classificadas em três categorias: 1. Museu como local onde se guardam coisas antigas; 2. Museu como local direcionado à cultura e preservação e 3. Museu como instrumento de aquisição de

conhecimento. Dessa forma, a maioria dos participantes cita o museu como local onde se guardam coisas antigas. Além disso, é possível observar que os participantes possuem a ideia de que a história está diretamente ligada ao Museu, devido à quantidade excessiva da palavra “História” nas respostas.

Diante da proposta para a criação de um museu na cidade de Limoeiro, a maioria dos participantes aceitou isso como algo positivo.

6. PROPOSTA

6.1. Imóvel do Departamento de Veículos (DPV)

O imóvel conhecido como DPV está localizado numa área da cidade que antigamente era denominada Pátio de Manobras (Foto 89). Neste lugar havia uma série de armazéns de grãos, que foram demolidos por volta dos anos 70. Estima-se que provavelmente o edifício do DPV fazia parte desses conjuntos de armazéns, pelas características do estilo arquitetônico Eclético e pelos materiais construtivos, como por exemplo, os tijolos manuais que datam do século XIX. Com o passar do tempo, esse edifício funcionou como biblioteca, e posteriormente se tornou a Secretaria de Obras da cidade, porém hoje se encontra sem nenhum uso. Devido ao fato de que o edifício não foi mencionado em nenhum momento durante o questionário proposto para os usuários da cidade, ele foi o escolhido para a execução da proposta do anteprojeto, para que a partir disso ele tenha mais visibilidade e importância.

Foto 89: Localização do edifício do DPV.



Fonte: Google Maps, 2019.

6.2. Situação atual

O edifício do DPV se encontra em estado de abandono. Ele apresenta danos na fachada, que são considerados sujidades ou depósitos escuros, os quais, segundo o Projeto Tamarineira (2012), se caracterizam por toda e qualquer ação produzida pelo homem, animais ou natureza provocando acúmulo de sujeira. No caso do edifício do DPV, esse tipo de dano se encontra principalmente nos frisos (Foto 90).

Foto 90: Sujidades nos frisos

Fonte: Autora, 2019.

O problema das lacunas também se encontra presente no edifício, principalmente nos frontões (Foto 91). As lacunas são interrupções em uma obra de arte ou composição arquitetônica, que dificultam a compreensão do objeto. Além dos frontões, os vãos das janelas se encontram com a esquadria ausente (Foto 92), assim como a cobertura que não existe mais. Esses problemas podem ser sanados através do uso de materiais que se harmonizem com o conjunto arquitetônico, como a telha capa-canal para a cobertura, como consta no Código de Obras da cidade e também, esquadrias típicas do período Eclético.

Foto 91: Frontão danificado

Fonte: Autora, 2019.

Foto 92: Esquadrias ausentes

Fonte: Autora, 2019.

Foto 93: Fachada do edifício do DPV.



Fonte: Autora, 2019.

Além disso, o desgaste de superfície encontra-se presente na pintura da fachada e principalmente a perda e o comprometimento do reboco, apresentando a alvenaria feita de tijolos manuais (Fotos 93 e 96). No interior do edifício, existe a presença de arbustos e animais peçonhentos, como cobras e escorpiões e também são deixados pneus e materiais construtivos que estão fora de uso (Fotos 94 e 95).

Foto 94: Presença de vegetação no interior do edifício do DPV. **Foto 95:** Interior do Edifício DPV.



Fonte: Autora, 2019.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 96: Perda do reboco da fachada



Fonte: Autora, 2019.

A laje que sustenta o pavimento superior encontra-se repleta de danos como fissuras e infiltrações (Foto 97). Nota-se a presença de vegetação no interior do edifício e na fachada posterior e também elementos espúrios, que se classificam como não pertencentes aos componentes construtivos e decorativos originais, como por exemplo os cartazes na fachada. (Fotos 98 e 99).

Foto 97: Interior do Edifício do DPV.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 98: Elementos espúrios.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 99: Presença de vegetação no edifício.



Fonte: Autora, 2019.

Há também intervenções descaracterizadoras, como os galpões construídos como anexos apresentados nas fotos 100 e 101. Além disso, o assoalho do andar superior que faz as vezes de pios para o andar inferior, encontra-se desabado por ataque de insetos xilófagos (Foto 102).

Foto 100: Intervenção descaracterizadora.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 101: Intervenção descaracterizadora.



Fonte: Autora, 2019.

Foto 102: Ataque de insetos xilófagos.



Fonte: Autora, 2019.

6.3. Intervenção

Um dos principais objetivos da criação de um Museu é preservar a memória local. Desse modo, um dos principais acervos permanentes do museu para Limoeiro seria uma exposição iconográfica de todos os edifícios de cunho histórico, para que a partir disso, sejam promovidas ações de Educação Patrimonial, para que toda a população e turistas, que são o público alvo do equipamento, estejam a par da história, já que há muitas pessoas que não sabem se a cidade de Limoeiro possui acervo suficiente para ser exposto em um museu, segundo resultados obtidos através do questionário aplicado aos usuários da região. Além disso, esse museu serviria para ajudar os artistas da terra (cantores, escultores e artesãos) a serem reconhecidos e divulgados a partir de eventos em que possam expor seus trabalhos, como foi citado em uma das respostas obtidas no questionário proposto (APÊNDICE A).

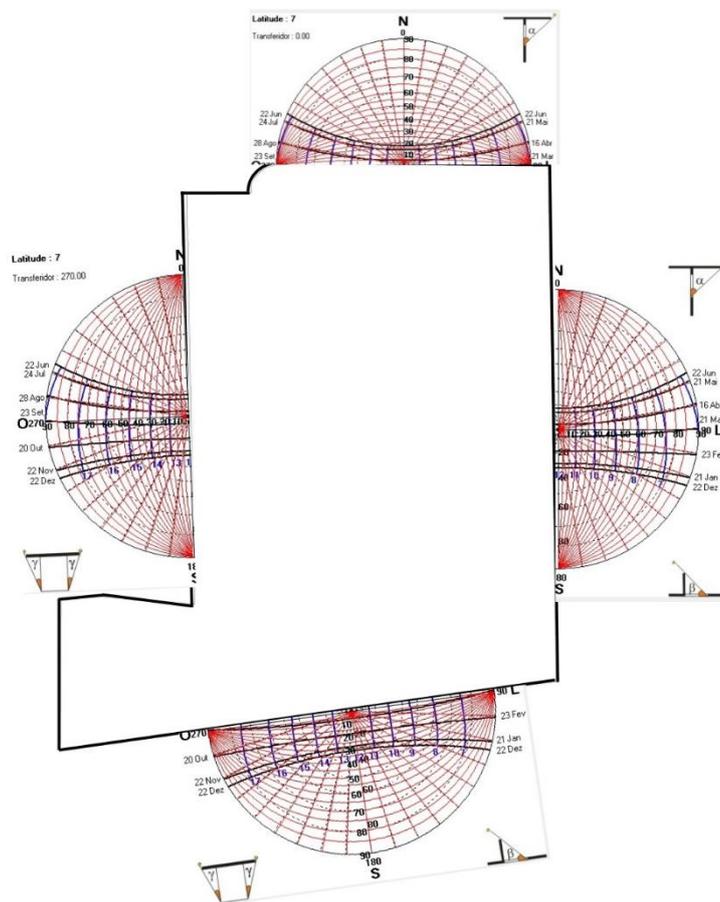
6.3.1. Condicionantes físicos e ambientais

Limoeiro possui relevo de característica que varia de levemente ondulado a fortemente ondulado, porém o terreno onde está localizado o edifício do DPV possui topografia predominantemente plana. Além disso, apresenta clima semiárido com

verão longo, com grande índice pluviométrico no mês de junho, as temperaturas mais amenas permanecem de 10 de junho a 25 de agosto.

Quanto à incidência de ventos, estes predominam entre o período de 22 de junho a 15 de fevereiro. Diante dessas informações, foi feito o estudo solar e o estudo da incidência de ventos no local do anteprojeto através do programa Sol Ar (Figura 15). A partir dos resultados desse estudo, foi definido o zoneamento dos ambientes do anteprojeto do Museu.

Figura 15: Análise da trajetória solar no terreno do edifício do DPV.



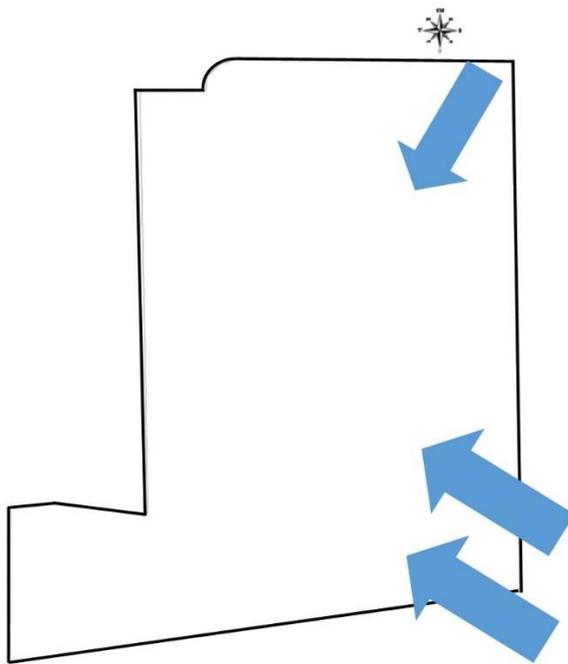
Fonte: Autora, 2019.

A partir da análise da incidência solar, conclui-se que na parte norte do terreno, a insolação predomina durante todo o verão, das 6:00 h. da manhã às 18:00 h. da noite. Porém, durante o período do inverno, essa parte do terreno não recebe insolação. Quanto à parte leste do terreno, a insolação durante o verão se dá aproximadamente das 5:50 até às 12:00 e no inverno, aproximadamente das 6:10 h. até às 12:00 h. Já a parte sul do terreno só recebe insolação durante o inverno, aproximadamente das

6:10 h. até as 17:45 h. Por fim, a parte oeste recebe insolação durante o verão, a partir das 12:00 h. até as 18:00 h e no inverno das 12:00 h. até as 17:45 h.

Quanto à ventilação, a parte leste do terreno é privilegiada com a incidência dos ventos vindos do Nordeste e Sudeste, pois a fachada principal do terreno é voltada para o Norte (Figura 16).

Figura 16: Incidência dos ventos no terreno do edifício do DPV.

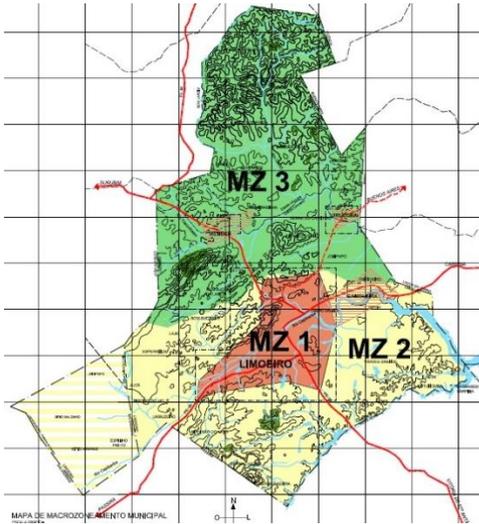


Fonte: Autora, 2019.

6.3.2. Condicionantes legais

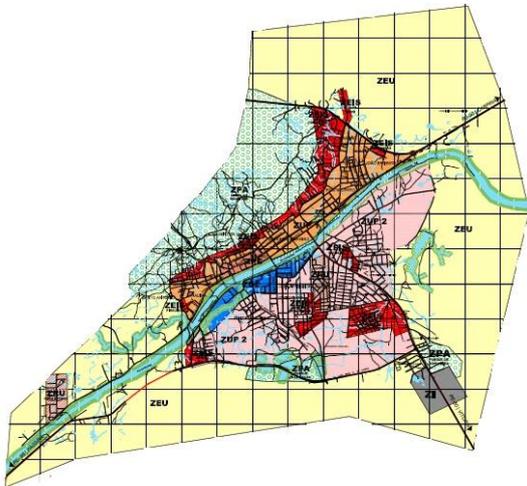
Segundo o Plano Diretor da cidade de Limoeiro, o edifício do DPV está localizado na Macrozona 1 (MZ1), onde está inserido o núcleo urbano (Mapa 4). Dentro dele, o edifício se encontra dentro da Zona de Urbanização Preferencial 1 (ZUP1). Para esse zoneamento foram previstas diretrizes para a organização da ocupação urbana e melhoria dos espaços de atividades econômicas, junto com a mobilidade urbana. No que diz respeito aos parâmetros construtivos dessa região, a taxa de ocupação do solo é de 85% e os recuos frontais, laterais e fundos são respectivamente 2,00 m, 1,5m e 1,5m (Mapa 5). Além disso o gabarito máximo não possui um limite, porém é importante ressaltar que as edificações existentes no entorno do edifício do DPV não ultrapassam mais de dois pavimentos e são de cunho residencial em sua maioria.

Mapa 4: Macrozoneamento municipal de Limoeiro.



Fonte: Plano Diretor de Limoeiro, 2007.

Mapa 5: Zoneamento do núcleo urbano de Limoeiro.



Fonte: Plano Diretor de Limoeiro, 2007.

Além do que está proposto no Plano Diretor, o Código de Obras da cidade também traz as seguintes diretrizes baseadas no que diz respeito ao anteprojeto:

- Lojas comerciais devem possuir portas de 1,50 m de largura, por 2,10 m de altura, os banheiros devem ter portas de 0,60m de largura por 2,10 de altura e os depósitos devem ter portas de 0,50 m por 2,10 m de altura;
- Os corredores, rampas e escadas de uso comum devem ter no mínimo largura de 1,20 m;
- As rampas devem ter inclinação mínima de 10% e serem revestidas com materiais antiderrapantes;

- As marquises, quando localizadas em fachadas, devem ser afastadas 0,50 m do meio fio da calçada;
- Quando um edifício de importância histórica for passível de restauração, reforma ou conservação, as suas características devem ser preservadas;
- As cobertas de edifícios de importância histórica devem ser obrigatoriamente com telha capa-canal do tipo artesanal e a cumeeira deve estar no sentido predominante do logradouro;
- Todos os edifícios que forem preservados são passíveis de restauração;
- É obrigatório o uso de materiais de construção tradicionais nos revestimentos das paredes externas;
- As esquadrias de preferência devem ser de madeira do tipo tradicional;
- Os compartimentos internos da edificação de interesse histórico devem ser mantidos, exceto se o edifício não apresentar grande relevância com relação ao conjunto da cidade;
- A inserção de banheiros deve ser feita sob estudo cuidadoso ou se necessário, a inserção de novos volumes na edificação antiga para abrigá-los;
- Quanto às fossas e sumidouros, para edifícios públicos com 8 a 10 funcionários, estas devem possuir respectivamente: diâmetro de 1,30 m com altura de 1,10m e largura de 1,50 m, comprimento de 5,55 m e profundidade de 1,50m.

Devido ao Plano Diretor e o Código de Obras da cidade de Limoeiro não possuir informações suficientes para as vagas de estacionamento, foi adotado o Código de Obras da cidade do Recife, para se obterem os parâmetros para as vagas de estacionamento. Dessa forma, segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) do Recife, a área para as vagas de estacionamento não deve exceder 10% da taxa de ocupação do solo. Dessa maneira, o dimensionamento das vagas deve seguir o que está disposto no Quadro 6.

Quadro 6: Dimensões de vagas para estacionamento segundo a LUOS.

TIPO DE ESTACIONAMENTO		PARALELO	A 90°	A 60°	A 45°	A 30°
LARGURA DA VAGA		2,20m	2,20m	2,20m	2,20m	2,20m
COMPRIMENTO DA VAGA		5,50m	5,00m	5,00m	5,00m	5,00m
LARGURA DA CIRCULAÇÃO	SENTIDO ÚNICO	3,50m	4,50m	4,00m	3,50m	2,50m
	SENTIDO DUPLO	5,40m	5,40m	5,40m	5,40m	5,40m

Fonte: LUOS, 2019.

Diante disso, o terreno do edifício do DPV possui uma área total de 2.146,30 m², sendo a taxa de ocupação de 85% equivalente a 1.824,35 m². Assim, 10% da área que compreende a taxa de ocupação equivalem a 182,43m². Adotando-se estacionamentos dispostos à 90°, o comprimento das vagas será de 2,20m por 5,00m, equivalente a uma área de 11,00m² para cada vaga. Dessa maneira, o cálculo do estacionamento foi feito através da divisão da área que compreende os 10% da taxa de ocupação pela área de cada vaga, resultando em no máximo 16 vagas.

Quanto às normas de acessibilidade, segundo a NBR 9050, para locais de exposições, é necessário que todos os elementos expostos estejam em locais acessíveis e os títulos ou textos com informações em Braille ou serem transmitidos de forma sonora. Já que dentro do programa de necessidades do museu está incluído um auditório, as diretrizes para acessibilidade do mesmo consistem no fato de que o espaço para deficientes deve estar distribuído pelo recinto com as mesmas condições de serviço, conforto, segurança, boa visibilidade e acústica. Além disso, a rota acessível deve coincidir com a rota de fuga.

Segundo a classificação de imóveis feita pelo Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico (COSCIP), o museu se enquadra nos imóveis do tipo H, que são caracterizados por serem receptores de público. As diretrizes para essa tipologia consistem em:

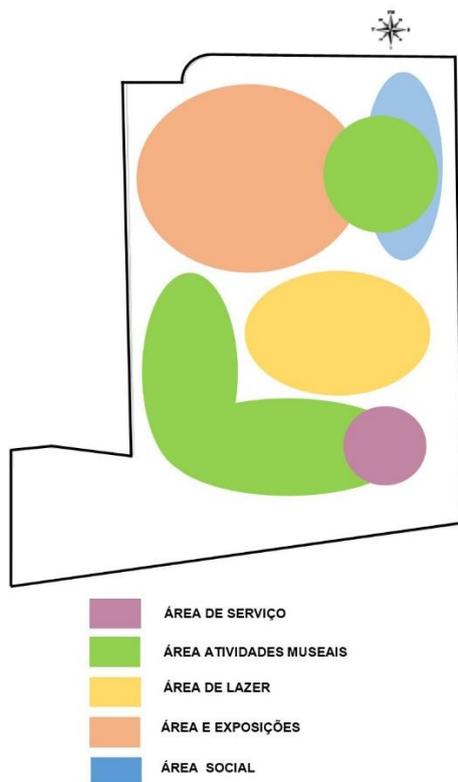
- O cálculo da população deve ser feito a partir de 1 pessoa por metro quadrado;
- Os acessos e descargas devem comportar 100 pessoas por unidade de passagem;
- As escadas devem comportar 75 pessoas por unidade de passagem;
- As portas devem comportar 100 pessoas por unidade de passagem.

- Devem possuir escadas do tipo 2 (escada protegida), em edifícios de até 6 pavimentos.

6.3.3. Organograma e pré-dimensionamento

O organograma e o pré-dimensionamento foram baseados no Manual de Subsídios para a Elaboração de Museus e também nos casos exemplares. A distribuição dos ambientes foi feita de acordo com as funções e zonas de conforto climático do terreno. Nas partes com predominância de ventos, isto é, na fachada leste, se localizam a área social, a área de lazer e parte da área de atividades museais. Já na parte oeste do terreno foram dispostos os ambientes que serão climatizados (Figura 17).

Figura 17: Zoneamento do anteprojeto.



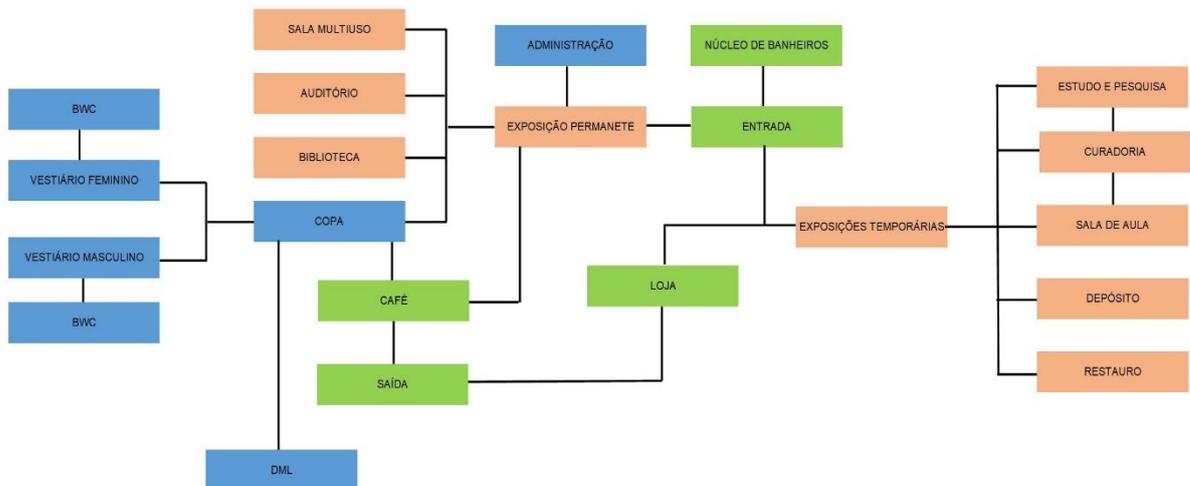
Fonte: Autora, 2019.

De acordo com os casos exemplares, também foram setorizados os ambientes do anteprojeto, conforme visto no Quadro 7 e também foi elaborado o organograma e quadro de áreas do museu conforme visto na a figura 18 e no quadro 8 respectivamente.

Quadro 7: Setorização dos ambientes do anteprojeto o museu da cidade de Limoeiro.

ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO		
Área social	Área de atividades museais	Áreas de serviços de apoio ao museu
<ul style="list-style-type: none"> - Entrada - Loja - Banheiro feminino - Banheiro masculino - Café 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de exposições permanentes - Sala de exposições temporárias - Auditório - Sala multiuso - Biblioteca - Reserva técnica - Curadoria - Sala de aula - Sala de estudo e pesquisa - Sala de Restauro - Depósito Geral 	<ul style="list-style-type: none"> - Banheiro feminino para funcionários. - Banheiro masculino para funcionários. - Administração - Vestiário feminino - Vestiário Masculino - Copa - DML

Fonte: Autora, 2019.

Figura 18: Organograma do Museu da Cidade de Limoeiro.

Fonte: Autora, 2019.

Quadro 8: Áreas do anteprojeto do Museu da Cidade de Limoeiro.

Zoneamento	Ambientes	Área (m ²)
Área social	Loja	36,24
	Entrada	106,13
	Banheiro Feminino	18,48
	Banheiro Masculino	18,48
	Café	14,43
Área de atividades museais	Sala de exposições permanentes	434,10
	Sala de exposições temporárias	356,36
	Auditório	68,66
	Sala multiuso	43,35
	Biblioteca	55,87
	Reserva técnica	16,23
	Curadoria	13,14
	Sala de Aula	48,92
	Sala de Estudo e Pesquisa	13,90
	Sala de Restauro	23,92
	Depósito geral	30,00
Área de serviço de apoio ao museu	Banheiro feminino para funcionários	4,11
	Banheiro masculino para funcionários	4,11
	Administração	29,20
	Vestiário feminino	9,95
	Vestiário masculino	9,95
	Copa	35,59
	DML	5,73
TOTAL:		1.396,85

Fonte: Autora, 2019.

6.3.4. Memorial justificativo

O anteprojeto do Museu da cidade de Limoeiro (Apêndice B), foi elaborado através de resultados obtidos do questionário *online*. Dessa forma, como foco principal, o museu terá a Educação Patrimonial através da exposição permanente de fotografias dos edifícios históricos da cidade. Diante das tipologias de museus apresentadas no Referencial Teórico, o anteprojeto é compatível com a tipologia do museu nacional, que apresenta coleções pertencentes ao local onde está inserido e possui valor significativo para a identidade da nação, porém no caso do anteprojeto possui valor ao nível municipal.

Quanto à disposição interna dos espaços, o setor de exposições permanentes e temporárias fica no edifício do DPV, onde a fachada e estruturas externas foram restauradas. Quanto ao interior, será demolido para dar espaço às alas de exposições. Além disso, será adicionado um primeiro pavimento para abrigar algumas áreas de atividades museais, como a sala de aula, a curadoria, a reserva técnica, o depósito geral, a sala de estudo e pesquisa e o bloco de banheiros.

Para as áreas de atividades museais restantes, como a biblioteca, a sala multiuso e auditório, foi criado um novo edifício em anexo, que também abriga a área de serviço do museu, como a copa, vestiários e administração. A volumetria adotada possui o cubo como ponto de partida, para formar um conjunto de adição e subtração feito em concreto armado. Para realçar essa ideia, foram escolhidas cores quentes destacando-se os volumes e também para remeter ao clima do agreste pernambucano. Além disso, o novo edifício também possui uma cafeteria, conforme o programa de ambientes dos museus contemporâneos.

Dessa maneira, o principal partido desse anteprojeto foi o contraste entre o novo e o antigo, fato que reforça a ideia de Camillo Boito, que defende que a intervenção em um edifício antigo deve destacar-se para que se diferencie do mesmo, porém sem sobressair-se ao edifício antigo.

7. CONCLUSÕES

O edifício do DPV, como visto, faz parte do conjunto de edifícios de importância histórica da cidade de Limoeiro-PE. Diante do estado em que ele se encontrava, foi necessário dar algum uso para o mesmo. A partir da ideia de que a cidade não possui nenhum equipamento de cunho cultural, a proposta principal foi a transformação do edifício em um museu. Para este fim, foram estudadas a história do surgimento e tipologias do museu. A partir dos casos exemplares foi possível compreender o funcionamento de um museu, assim como a organização dos espaços e dimensões, para que fosse executada a proposta a nível de anteprojeto.

Diante da proposta da transformação do edifício do DPV em museu para a cidade, foi constatado a partir do questionário proposto que a instalação deste equipamento impactará positivamente para a conservação da memória local. Esse fato ganha maior relevância por não existir nenhum equipamento cultural na cidade que preserve a memória da mesma. Isso comprova a hipótese de que a intervenção contribuirá para a preservação da memória da cidade através de um equipamento de esfera cultural.

Além disso, a exposição fotográfica de todos os edifícios históricos da cidade que existirá nesse museu possui grande relevância para a Educação Patrimonial dos visitantes, e também para um possível processo de tombamento ou proteção ao nível municipal. Isso reforça o conceito do ICOM (Conselho Internacional de Museus), que o museu deve exibir o patrimônio material e imaterial de uma sociedade.

No que diz respeito ao edifício do DPV, ele foi escolhido para a intervenção por estar em péssimo estado de conservação e principalmente por não estar presente na memória dos participantes do questionário proposto. Diante disso, esse edifício foi restaurado conservando suas características originais, foi adicionado um anexo para servir de apoio para algumas atividades do museu e por fim, será devolvido para o uso da população.

REFERÊNCIAS

- ABNT NBR 9050. **Norma Brasileira nº 9050, de 30 de junho de 2004.** Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. [S. l.], 2004. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/NBR9050.pdf. Acesso em: 11 set. 2019.
- ADAM NATHANIEL FURMAN, Adam Nathaniel. **Clássicos da Arquitetura: Ala de Sainsbury da Galeria Nacional de Londres / Venturi Scott Brown.** Archdaily, 19 jun. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/896404/classicos-da-arquitetura-ala-de-sainsbury-da-galeria-nacional-de-londres-venturi-scott-brown>. Acesso em: 3 set. 2019.
- ALVES, Juliana. **Museu de Música Pernambucana.** Recife: FAUPE, 2006. Originalmente apresentado como monografia de conclusão de curso em arquitetura e urbanismo.
- ANDO, Tadao. **Flashback: Museu de Arte Moderna de Fort Worth / Tadao Ando Architect & Associados.** Archdaily, 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com/213084/flashback-modern-art-museum-of-fort-worth-tadao-ando>. Acesso em: 17 set. 2019.
- ANTÔNIO, Flávio. **Fotos antigas de Limoeiro - PE.** [S. l.], 2011. Disponível em: https://www.facebook.com/flavioantonio2010/media_set?set=a.260205147366427&type=3. Acesso em: 24 set. 2019.
- ARCHDAILY (ed.). **Clássicos da Arquitetura: Museu de Arte Contemporânea de Niterói / Oscar Niemeyer.** [S. l.], 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-81036/classicos-da-arquitetura-museu-de-arte-contemporanea-de-niteroi-oscar-niemeyer>. Acesso em: 3 set. 2019.
- ARCHDAILY (ed.). **Museu Cerâmico Triana.** [S. l.]: Archdaily, 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/764319/museu-ceramico-triana-af6-arquitectos>. Acesso em: 15 set. 2019.
- ARCHDAILY (ed.). **Museu de Fotografia de Fortaleza**[S. l.]: Archdaily, 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/874963/museu-da-fotografia-de-fortaleza-marcus-novais-arquitetura>. Acesso em: 15 set. 2019.
- ASSUMPÇÃO, Amanda de Araújo. **Reabilitação de restauro de edifícios antigos: A intervenção no palácio universitário.** 2018. Disponível em: <http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10024119.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- BOITO, Camilo. **Os restauradores.** 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 64 p. v. 4. ISBN 9788574801124.
- BONDUKI, Nabil. **Intervenções Urbanas na Recuperação de Centros Históricos.** Brasília: Programa Monumenta, 2010.

CASA TRIÂNGULO (org.). **A Casa triângulo**: Galeria. A casa Triângulo, 2019. Disponível em: <https://www.casatriangulo.com/>. Acesso em: 3 set. 2019.

CÓDIGO DE EDIFICAÇÕES DO RECIFE. **Lei nº 16.292/97, de 4 de outubro de 2018**. Regula as atividades de edificações e instalações, no município do Recife, e dá outras providências. [S. l.], 1997. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/codigo-de-edificacoes-recife-pe>. Acesso em: 19 set. 2019.

CÓDIGO DE OBRAS. Lei nº 1.585, de 12 de julho de 1984. Dispõe sobre as condições para edificação no perímetro urbano do Município de Limoeiro. **Código de Obras da Cidade de Limoeiro**, Recife, ano 1983, 12 jul. 1984.

CÓDIGO DE SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIO E PÂNICO. **Decreto nº 897, de 21 de setembro de 1975**. Dispõe sobre segurança contra incêndio e pânico. [S. l.], 21 jul. 1975. Disponível em: <http://fireserviced.dominiotemporario.com/doc/COSCIP.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CONDIÇÕES meteorológicas médias de Limoeiro. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/31370/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Limoeiro-Brasil-durante-o-ano>. Acesso em: 15 out. 2019.

CULTURA MIX (org.). **Centro Galego de Arte Contemporânea**. [S. l.], 2012. Disponível em: <https://cultura.culturamix.com/arte/centro-galego-de-arte-contemporanea>. Acesso em: 17 set. 2019.

DE PAULA, Tássia Roberta Barbosa. Inventário urbano de Limoeiro-PE. Estudo preliminar do patrimônio histórico e cultural. Recife: UFPE, 2016. Originalmente apresentado como monografia de conclusão de curso em arquitetura e urbanismo.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-Chave de Museologia**. [S. l.], 2014. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 16 set. 2019.

EURODICAS (ed.). **Museu Britânico em Londres**:: principais dicas para visitar. [S. l.], 18 jun. 2019. Disponível em: <https://turismo.eurodicas.com.br/museu-britanico/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

FRANCE VOYAGE (org.). **Lago Vassivière**: Guia de Turismo, férias & final de semana na Nova Aquitânia. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.france-voyage.com/franca-turismo/lago-vassiviere-1280.htm>. Acesso em: 17 set. 2019.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO (Recife) (org.). **Forte das Cinco Pontas**. Recife: FUNDAJ, 2008. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=448. Acesso em: 19 set. 2019.

FUNDARPE. Patrimônios de Pernambuco: Materiais e Imateriais. *In*: FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO (FUNDARPE). **Patrimônios de Pernambuco: Materiais e Imateriais**. Recife: FUNDARPE, 2011. *E-book*.

GALINDO, Marcos; MENEZES, Jose Luiz Mota. **Desenhos da Terra- Atlas Vingboons**. Recife: Instituto Cultural BANDEPE, 2003.

GHIRARDO, Diane. **Arquitetura Contemporânea: Uma história concisa**. [S. l.]: Martins Fontes, 2002.

IBRAM (ed.). **Arte+Feminismo**: maratona de edição Wikipédia acontece sábado (10) no MHN. [S. l.]: Ibram, 2019. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/tag/museu-historico-nacional/page/3/>. Acesso em: 1 set. 2019.

ICOM (Brasil) (org.). **Definição de Museu**. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 10 set. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Rio De Janeiro). Ministério da Cultura (org.). **Manual de Subsídios para a Criação de Museus Municipais**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS- IBRAM (Brasília) (org.). **Subsídios para elaboração de Planos Museológicos**. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Subs%C3%ADdios-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-planos-museol%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

IPHAN. **Carta de Veneza**. 1964. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.

IPHAN. **Carta de Atenas**. 1933. IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2019.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a História do Museu**. [S. l.], 2000. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/caderno-diretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf. Acesso em: 28 ago. 2019.

KIEFER, Flávio. **Arquitetura de Museus**. [S. l.], 2000. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_1/1_Kiefer.pdf. Acesso em: 1 set. 2019.

LEI DE USO E OCUPAÇÃO DO SOLO DA CIDADE DO RECIFE. **Lei nº 16.176/96, de 11 de janeiro de 2018**. Estabelece a lei de uso e ocupação do solo da cidade do Recife. [S. l.], 1996. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-de-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-recife-pe>. Acesso em: 8 out. 2019.

MARTINS, André. **A beleza e história do Forte das Cinco Pontas, em Recife**. Ministério do Turismo, 6 abr. 2017. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7674-a-beleza-e-hist%C3%B3ria-do-forte-das-cinco-pontas,-em-recife.html>. Acesso em: 9 set. 2019.

MARTINS, Simone (ed.). **Arte Rupestre em Altamira, Espanha**. História das Artes, 25 fev. 2015. Disponível em: <https://www.historiadadasartes.com/sala-dos-professores/arte-rupestre-em-altamira-espanha/>. Acesso em: 3 set. 2019.

MELENDEZ, Adilson. **Brasil Arquitetura: Complexo cultural, São Miguel das Missões, RS**. 429. ed. [S. l.]: Projeto Design, 2019. Disponível em: <https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-complexo-cultural-sao-miguel-missoes-rs>. Acesso em: 1 set. 2019.

MOTTA, Ana Cecília Garaldi. **Museus Contemporâneos: Uma baseada na obra de Josep Maria Montaner**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1616132-Museus-contemporaneos-uma-analise-baseada-na-obra-de-josep-maria-montaner-ana-cecilia-garaldi-motta.html>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MZUSP (org.). **Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.mz.usp.br/>. Acesso em: 1 set. 2019.

MUSEU DOS BRINQUEDOS (org.). **Museu dos Brinquedos**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.museudosbrinquedos.org.br/>. Acesso em: 1 set. 2019.

MY ARTS GUIDE (org.). **Museu Experimental El Eco**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://myartguides.com/art-spaces/museums/museo-experimental-el-eco/>. Acesso em: 26 set. 2019.

NEUFERT, Ernest. **Arte de projetar em arquitetura**. Barcelona. Editorial Gustavo Gilli, SL, 8º ed. 1948.

O GLOBO (ed.). **Centre Pompidou passará por reformas de até £100 milhões**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/centre-pompidou-passara-por-reformas-de-ate-100-milhoes-20778854>. Acesso em: 3 set. 2019.

PAGNOTTA, Brian. **Clássicos da Arquitetura: Museu Guggenheim de Bilbao / Gehry Partners**. Archdaily, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786175/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-de-bilbao-gehry-partners>. Acesso em: 17 set. 2019.

PATRIMÔNIOS de Pernambuco: Materiais e Imateriais. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 15 mar. 2016. Disponível em: https://issuu.com/cultura.pe/docs/patrimonios_de_pernambuco_3_edicao. Acesso em: 12 mar. 2019.

PASQUOTO, Geise Brizotti. Renovação, Revitalização e Reabilitação: Reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. *In*: RENOVAÇÃO, REVITALIZAÇÃO E REABILITAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS TERMINOLOGIAS NAS INTERVENÇÕES URBANAS. São Paulo: **Revista Complexus**, 2010.

Plano Diretor do Município de Limoeiro. 2ª. Ed. Recife: Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco, 2007.

PLANTA. Museu da Cidade do Recife, 2016. Disponível em: <https://museudacidadedorecife.org/museu/planta/>. Acesso em: 9 set. 2019.

PORTAL EDUCAÇÃO (org.). **A origem do museu**. São Paulo: Portal Educação, 2019. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/farmacia/a-origem-do-museu/39082>. Acesso em: 4 set. 2019.

PREFEITURA Municipal de Limoeiro: Geografia. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://limoeiro.pe.gov.br/geografia/>. Acesso em: 15 out. 2019.

PROGRAMA MONUMENTA (Brasília). Ministério da Cultura (org.). **Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural**. Brasília: Programa Monumenta, 2005. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadTec1_Manual_de_Elaboracao_de_Projetos_m.pdf. Acesso em: 1 abr. 2019.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Museus Contemporâneos e os Gabinetes de Curiosidades**. São Paulo: Museu de arqueologia e etnologia de São Paulo, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/109170/107661/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

RÊGO, André Heráclio Do. Breviário do Coronel Francisco Heráclio do Rêgo. [S.l.]: **20 20 Comunicações**, 1999.

ROLIM, Eliana de Souza. Patrimônio histórico, memória, história e construção de saberes. *In: XVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 2013, Natal, Rio Grande do Norte.

STUTTGARTER ZEITUNG.DE (ed.). **Im Schweinsgalopp durchs Museum**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.stuttgarter-zeitung.de/inhalt.im-test-sonderoeffnung-der-staatsgalerie-stuttgart-im-schweinsgalopp-durchs-museum.a4b9f1a2-17d5-4a6d-bd38-f243b30c9496.html>. Acesso em: 17 set. 2019.

VARELLA, Paulo. **Você sabe onde vieram os museus?**: Os gabinetes da curiosidade. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://arteref.com/diversos/voce-sabe-onde-vieram-os-museus-os-gabinetes-da-curiosidade/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

VOU NA JANENLA (ed.). **Um dia no Museu Hermitage em São Petersburgo, na Rússia**. [S. l.], 30 abr. 2018. Disponível em: <http://www.vounajanela.com/russia/museu-hermitage-em-sao-petersburgo/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

VILAÇA, Antônio de Souza. **Histórias que Limoeiro conta**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1970.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

ZANCHETI, Sílvio Mendes; LACERDA, Norma. **Plano de gestão da conservação urbana: conceitos e métodos**. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), 2012.

ZANCHETI, Sílvio Mendes. **A conservação do patrimônio histórico no Brasil**. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), 2015.

WIKIPÉDIA (ed.). **Museu Nacional (Rio de Janeiro)**. [S. l.], 6 out. 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_(Rio_de_Janeiro)). Acesso em: 1 set. 2019.

WIKIPÉDIA (ed.). **Museo de las Artes Decorativas de Frankfurt**. [S. l.], 2019. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Museo_de_las_Artes_Decorativas_de_Frankfurt. Acesso em: 17 set. 2019.

WIKIPÉDIA (org.). **Museu Nacional de Arte Ocidental**. Wikipédia, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Nacional_de_Arte_Ocidental. Acesso em: 17 set. 2019.

APÊNDICE A

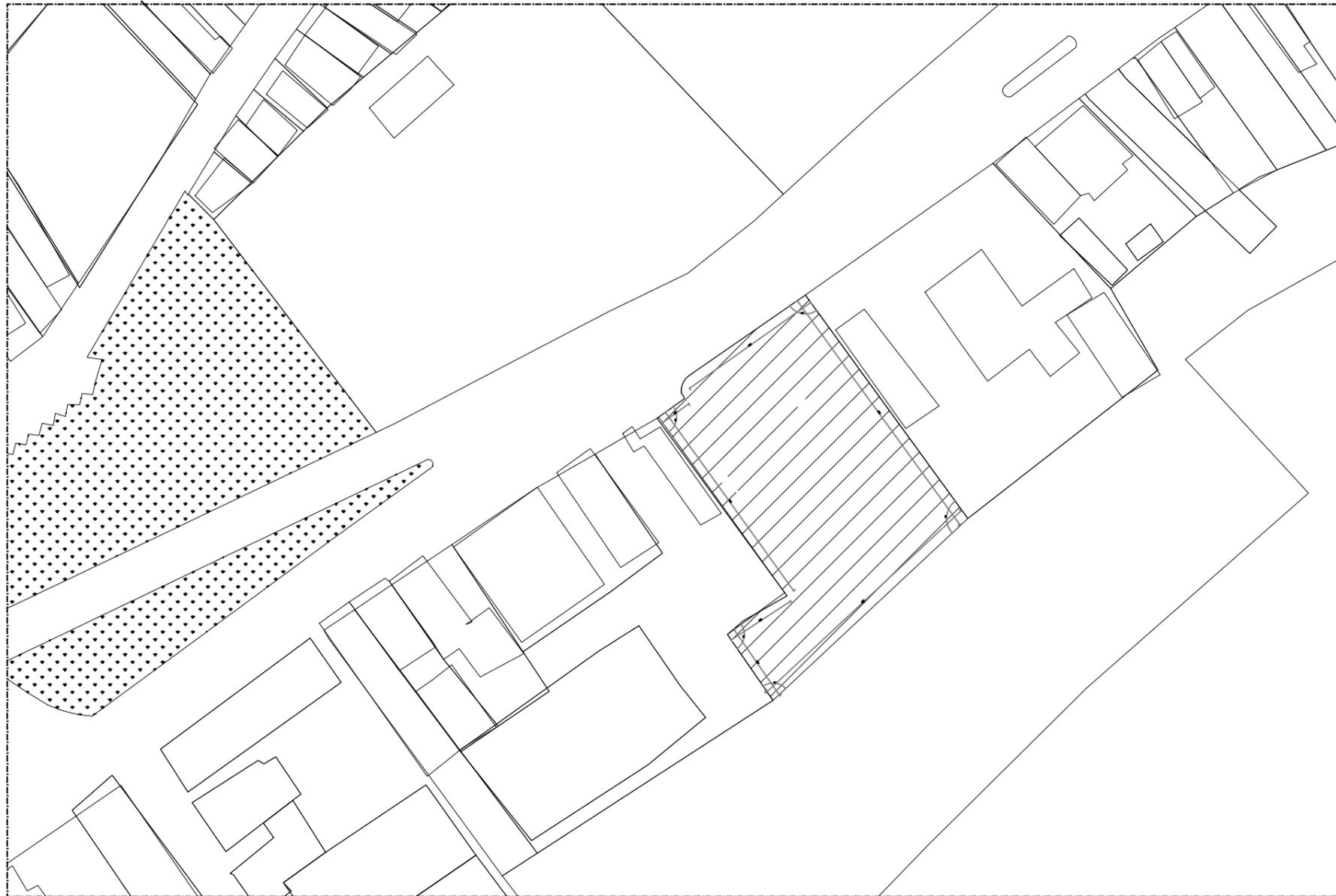
Questionário Para Usuários E Cidadãos Da Cidade De Limoeiro-PE

ESTE QUESTIONÁRIO É DIRECIONADO PARA O PÚBLICO QUE MORA OU FREQUENTA A CIDADE DE LIMOEIRO. O OBJETIVO PRINCIPAL É COLETAR DADOS SUFICIENTES PARA PESQUISA DESENVOLVIDA NA DISCIPLINA DE TRABALHO DE GRADUAÇÃO 2 (TG2), DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ.

1. Você mora em Limoeiro-PE?
 sim
 Não
2. Se não, qual motivo te traz a cidade?
 Serviços
 Lazer
 Familiares que moram na cidade
3. Para você, quais edifícios existentes na cidade de Limoeiro-PE possuem importância histórica? Porquê?
4. Em uma escala de 0 a 5 qual sua frequência em museus?
5. Para você, Limoeiro possui acervo suficiente na para expor em um museu?
 Sim
 Não
 Não sei
6. Se sim, quais?
7. Para você, o que é um museu?
8. Se houvesse um museu na cidade de Limoeiro, em que frequência, em uma escala de 0 a 5 você visitaria?
9. O que você pensa a respeito da ideia de existir um museu na cidade de Limoeiro?

APÊNDICE B

Anteprojeto do Museu da Cidade de Limoeiro



PLANTA DE SITUAÇÃO

1:1000

ESCALA



TRABALHO DE GRADUAÇÃO - MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO
LIMOEIRO / PE.

DESENHOS DA PRANCHA
PLANTA DE SITUAÇÃO

ETAPA
ANTEPROJETO

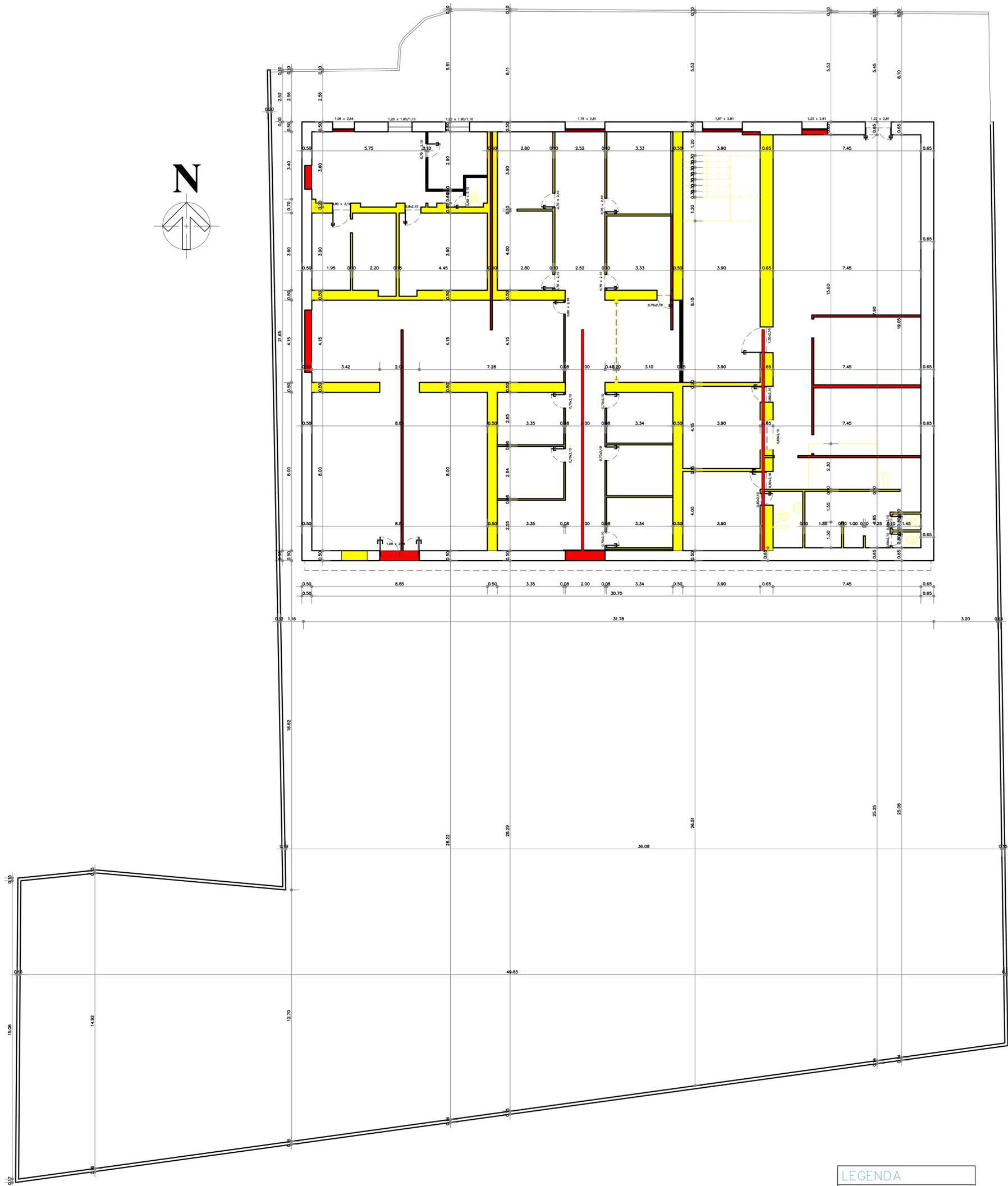
ARQUITETA:
CHRISLAYNE

DATA
08/11/2019

ESCALA

1:1000

PRANCHA 01/10



LEGENDA	
■	CONSTRUIR
■	DEMOLIR
□	PERMANECER

PLANTA DE REFORMA
ESCALA 1:100

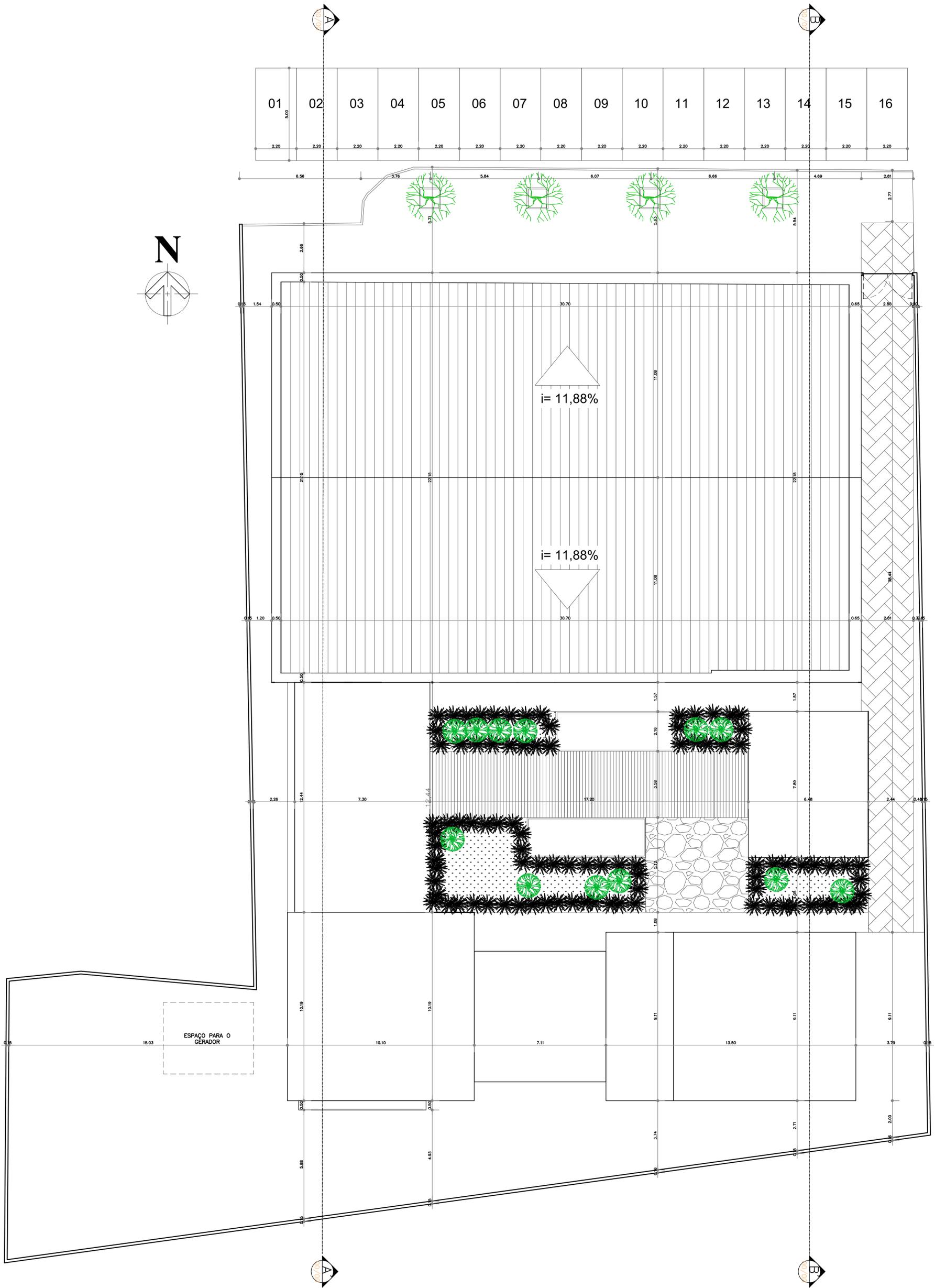


ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO - PE
LIMOEIRO-PE
DESENHOS DA PRANCHA
PLANTA DE REFORMA
ETAPA: ANTEPROJETO

ARQUITETA:
CHRISLAYNE

DATA:
29/11/2019

ESCALA
1:100
PRANCHA 02/10



PLANTA DE COBERTA

ESCALA 1:100



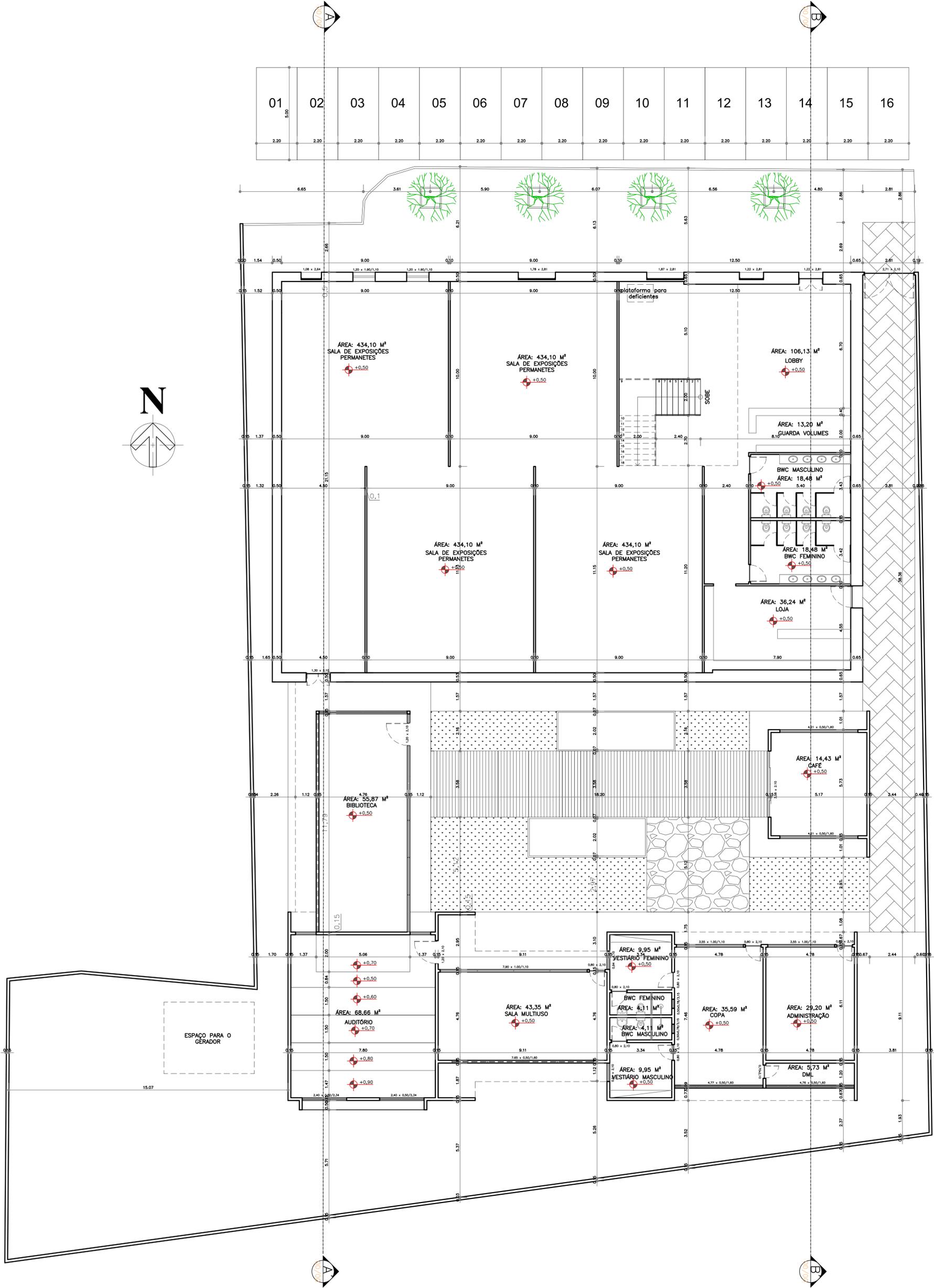
ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO - PE
 DESENHOS DA FRANCHA
 PLANTA DE COBERTA

ETAPA ANTEPROJETO ARQUITETA CHRISLAYNE

DATA 29/11/2019

ESCALA 1:100

PRANCHA 03/10



PLANTA BAIXA – TÉRREO

ESCALA 1:100



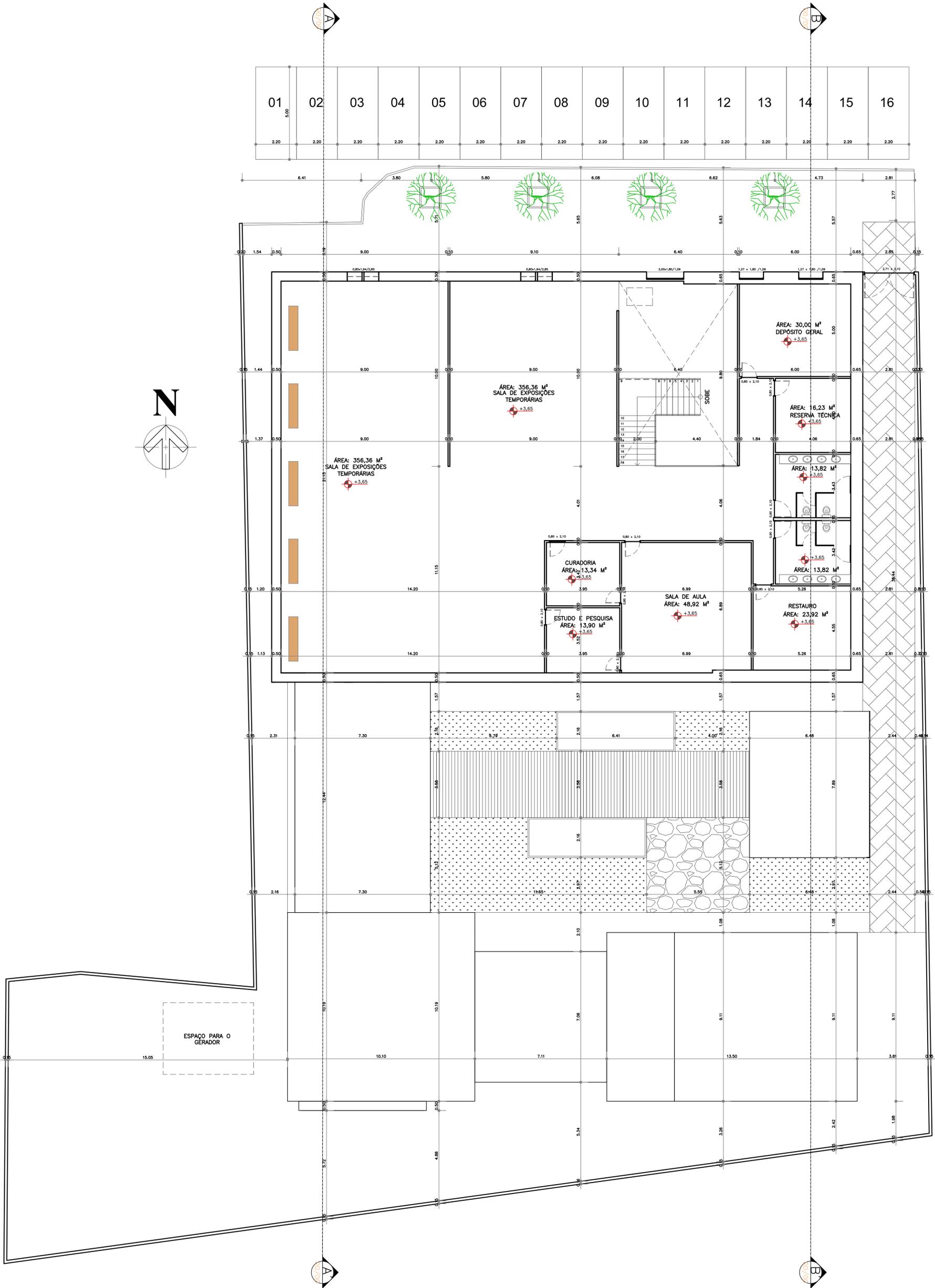
ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO - PE
LIMOEIRO - PE
DESENHOS DA FRANCHA
PLANTA BAIXA

ARQUITETA:
CHRISLAYNE

DATA:
29/11/2019

ESCALA
1:100

PRANCHA 04/10



PLANTA BAIXA – PRIMEIRO PAVIMENTO
ESCALA 1:100



ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO
LIMOEIRO-PE
DESENHOS DA PRANCHA
PLANTA BAIXA - PRIMEIRO PAVIMENTO
ETAPA ANTEPROJETO

ARQUITETA: CHRISLAYNE
DATA: 29/11/2019

ESCALA
1:100
PRANCHA 05/10



PLANTA DE LAYOUT – TÉRREO

ESCALA

1:100



ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMÓIEIRO
LIMÓIEIRO-PE
DESENHOS DA FRANCHA
PLANTA DE LAYOUT - PAVIMENTO TÉRREO

ETAPA
ANTEPROJETO

ARQUITETA:
CHRISLAYNE

DATA
29/11/2019

ESCALA

1:100

PRANCHA 06/10



PLANTA DE LAYOUT – PRIMEIRO PAVIMENTO
ESCALA 1:100

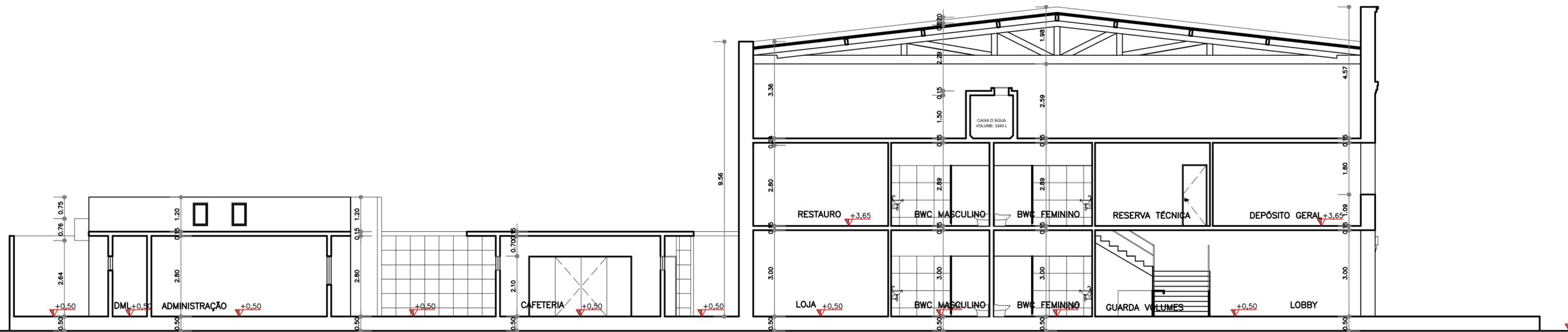


ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO
LIMOEIRO-PE
DESENHOS DA FRANCHA
PLANTA DE LAYOUT - PRIMEIRO PAVIMENTO
ETAPA ANTEPROJETO

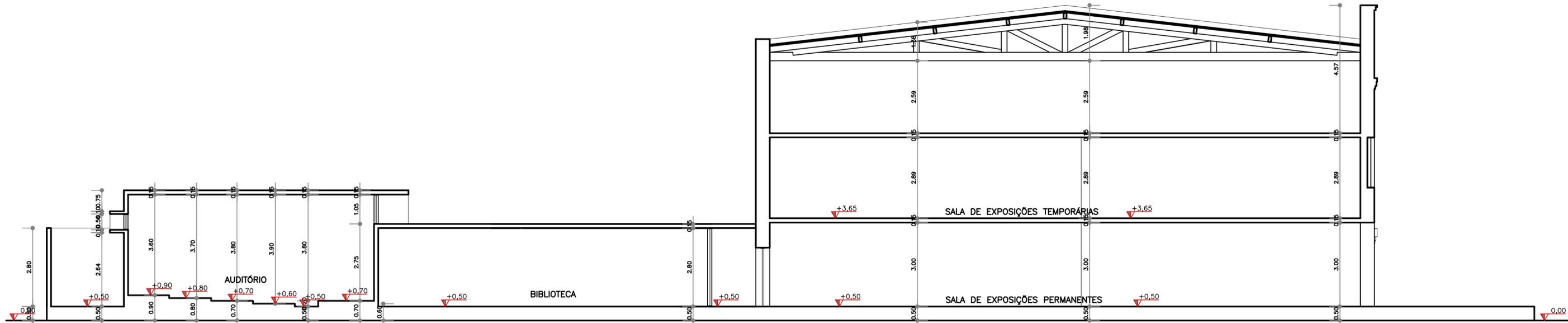
ARQUITETA: CHRISLAYNE
DATA: 29/11/2019

ESCALA
1:100

PRANCHA 07/10



CORTE BB'
 ESCALA 1:100



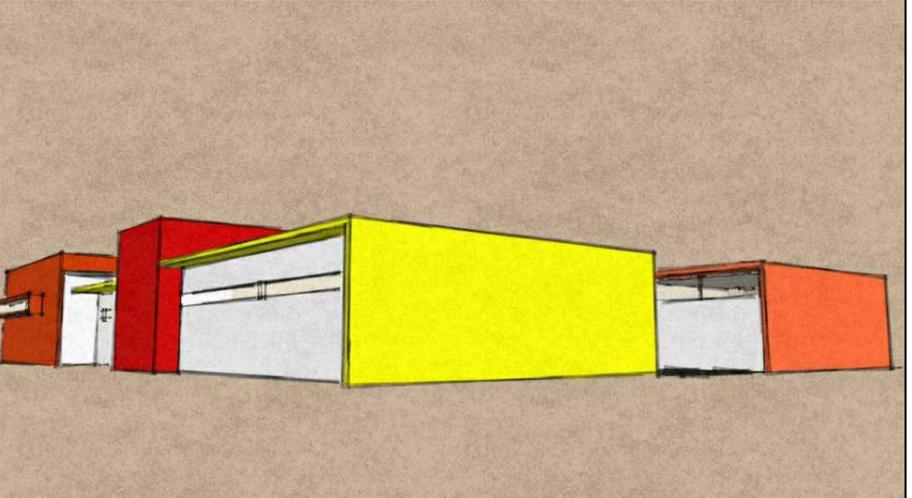
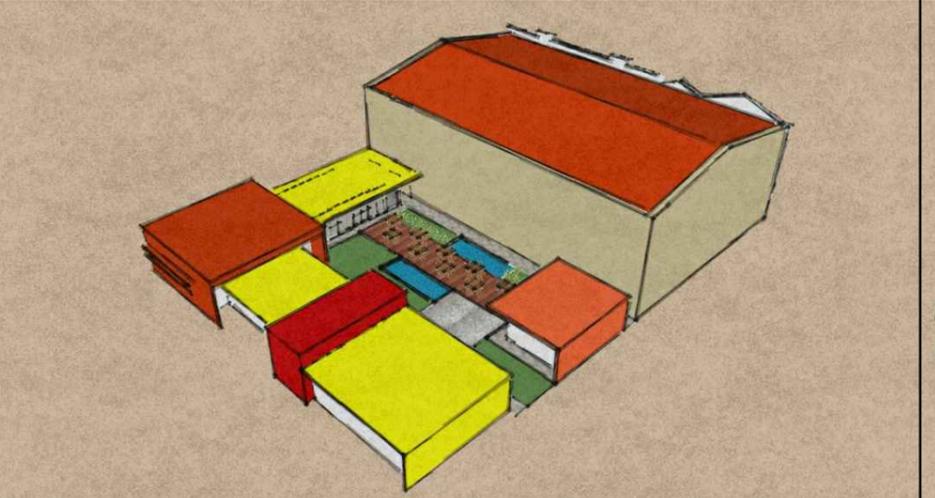
CORTE AA'
 ESCALA 1:100



ANTEPROJETO DO MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO
 LIMOEIRO / PE.
 DESENHOS DA PRANCHA
 CORTE AA' / CORTE BB'
 ETAPA ANTEPROJETO

ARQUITETA: CHRISLAYNE
 DATA: 29/11/2019

ESCALA 1:100
 PRANCHA 08/10



TRABALHO DE GRADUAÇÃO - MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO
LIMOEIRO / PE.

DESENHOS DA PRANCHA
PERSPECTIVAS

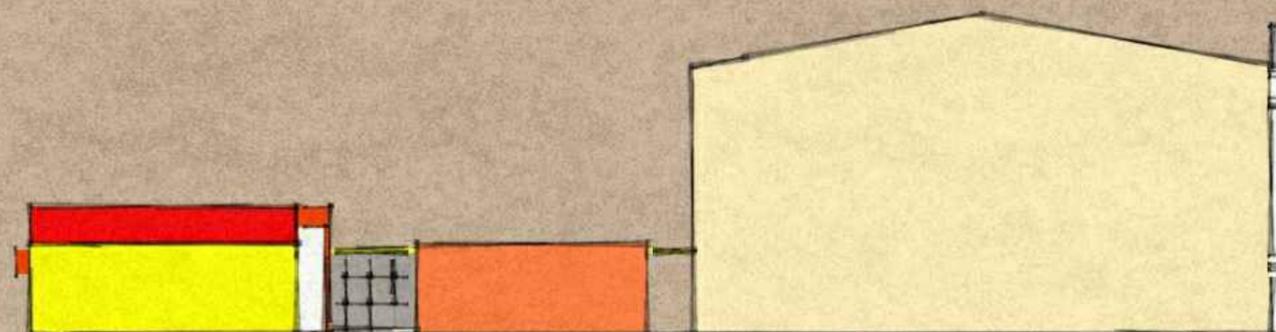
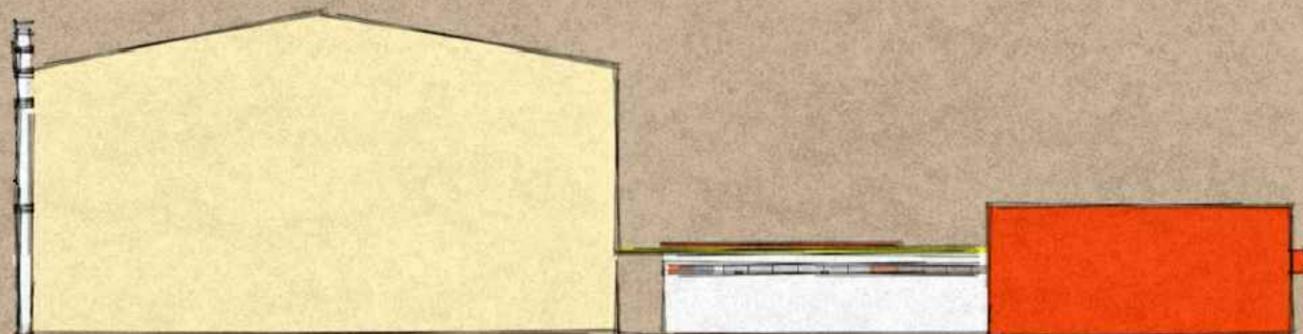
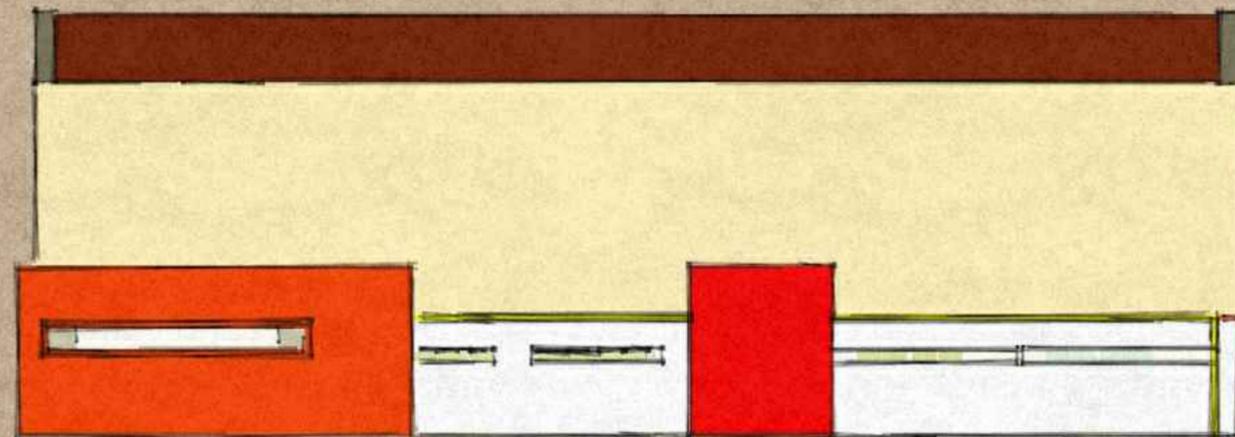
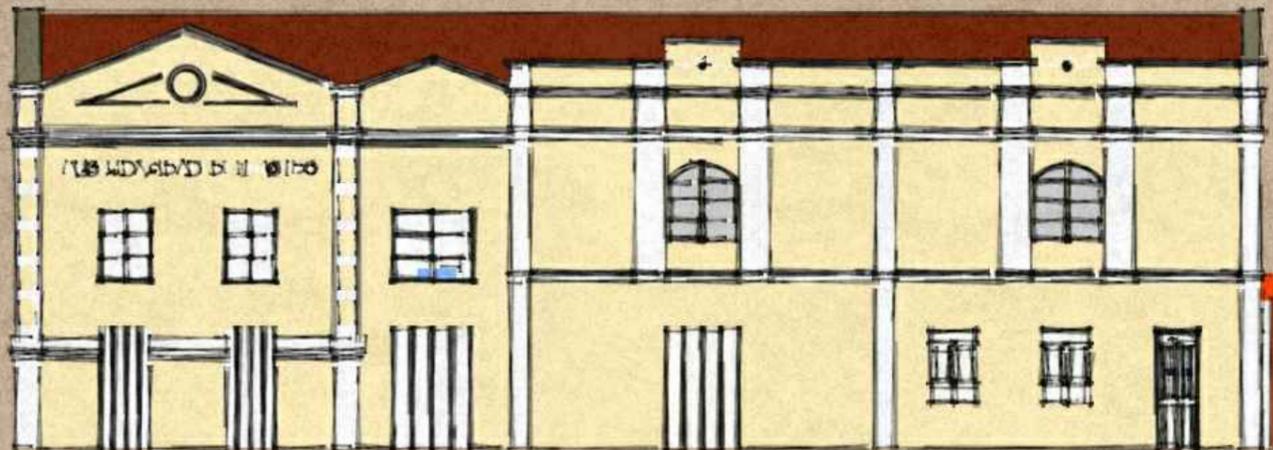
ETAPA
ANTEPROJETO

ARQUITETA:
CHRISLLAYNE

DATA
08/11/2019

ESCALA

PRANCHA 09/10



TRABALHO DE GRADUAÇÃO - MUSEU DA CIDADE DE LIMOEIRO / PE.

DESENHOS DA PRANCHA
FACHADAS

ETAPA
ANTEPROJETO

ARQUITETA:
CHRISLAYNE

DATA
08/11/2019

ESCALA

PRANCHA 10/10